



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**"O POÇO MÍSTICO DE JOSÉ DE MOURA": VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E
IDENTIDADE DE UMA CIDADE PARAIBANA (POÇO DE JOSÉ DE MOURA,
1975 - 2014)**

CLARA GEYSA MARCOS DUARTE

CAJAZEIRAS

2016

CLARA GEYSA MARCOS DUARTE

"O POÇO MÍSTICO DE JOSÉ DE MOURA": VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E
IDENTIDADE DE UMA CIDADE PARAIBANA (POÇO DE JOSÉ DE MOURA,
1975 - 2014)

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

D812p Duarte, Clara Geysa Marcos

“O Poço místico de José de Moura”: vivências religiosas e identidade de uma cidade paraibana (Poço José de Moura - PB, 1928 - 2016) / Clara Geysa Marcos Duarte. - Cajazeiras, 2016.

93f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Historiografia. 2. História local – Poço José de Moura - Paraíba. 3. Personagem histórico. 4. Práticas culturais. I. Ceballos, Rodrigo. II.

CLARA GEYSA MARCOS DUARTE

"O POÇO MÍSTICO DE JOSÉ DE MOURA": VIVÊNCIAS RELIGIOSAS E
IDENTIDADE DE UMA CIDADE PARAIBANA (POÇO DE JOSÉ DE MOURA,
1975 - 2014)

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Orientador)
UFCG/UACS/CFP

Prof. Ms. Walter Fernandes (Examinador)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras e
Faculdade Santa Maria

. Ms. Wesley Rodrigues Dutra (Examinador)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras

Prof. Dr^a Ana Rita Uhle (Suplente)
UFCG/UACS/CFP

CAJAZEIRAS – PB
2016

Dedico este trabalho aos rezadores e rezadeiras que com suas rezas e saberes aliviam as doenças do corpo e da alma.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao Deus onipotente, por ser minha fortaleza e amparo nos momentos de desânimo, insegurança e ansiedade.

A meu pai, Geraldo Duarte de Aquino, por ter plantado em mim a semente do amor pela leitura e pela História. Primeiro as que me contava quando criança, depois pela história de sua vida e pela história enquanto área do conhecimento. A leitura e a história foram seu vínculo com a sanidade quando havia perdido o controle sobre si. Sua superação é o maior exemplo de força que conheço. Tem muito do bom senso do senhor nessas páginas.

A minha mãe, Eulália Marcos de Moura, pelas infindáveis horas de conversas sobre sua infância num Poço que para mim era quase mágico. As histórias dos romeiros, rezas e brincadeiras no alto da igreja me fascinavam e fascinam até hoje. Obrigada por ter me ensinado o valor da família, do amor a essa terra, por me incentivar nos momentos mais difíceis, pela paciência nas minhas crises e por rezar por mim. Foi inspirada no que vi e ouvi nesse lugar, nossa cidade que escrevi cada linha. De meu pai tem o bom senso, da senhora tem o coração, as lembranças, a alma desse trabalho.

Aos meus avôs paternos, Astrogilda Faustino da Conceição (*In memoriam*) e especialmente a Mario Romano de Aquino (*In memoriam*), por ter me ensinado sobre o amor, saudade, proteção e o valor que têm os estudos.

Aos avôs maternos, Maria Alzira da Conceição por me emocionar com as poucas histórias que me contou e os muitos valores que me ofereceu e especialmente a Antônio Marcos Filho que de tanto me contar “causos” e histórias cheias de exageros me estimulou a investigar sobre elas e me encantou com o fascínio gerado por sua imaginação.

Aos rezadores e rezadeiras que com suas rezas, conversas e lições colaboraram com o desenvolvimento dessa pesquisa. Admiro tantos conhecimentos, sabedoria e generosidade.

A Cleidifrankson Cândido que esteve ao meu lado quando formulava o projeto de pesquisa dessa Monografia. E me apoiou com infindáveis horas de conversas e ideias sobre esse trabalho, quando o tema era apenas uma inquietação. Delas, das contestações e dos questionamentos surgiram muitas páginas e muito material de pesquisa.

A meus colegas, Francisco Cazuza da Silva e José Vandevan, pelo material de pesquisa compartilhado. Por darem materialidade as nossas ideias durante as duas participações do Memorial Zé de Moura na Semana Nacional de Museus em que fiz parte da equipe. E pelas ideias, sugestões, críticas, novidades e incentivo que me deram durante toda pesquisa e a escrita dessa monografia.

A seu Zezé Marcelino que com sua amizade e memórias abriu novas perspectivas para o entendimento do tema quando ainda estava no rascunho do projeto de pesquisa.

A Leonardo Alves, por estar ao meu lado e compartilhar comigo seu tempo e leituras. Sempre trocando ideias, ouvindo lamentações e me estimulando a terminar essa monografia. Por compreender minhas ausências e emoções a flor da pele.

Aos amigos e amigas que sempre me apoiaram, contribuindo com palavras de incentivo, carinho e estímulo para que terminasse logo para lerem o trabalho. Por me ouvirem atentamente quando não tinha outro assunto a não ser falar do tema e suas possibilidades.

A minha família por entender minhas necessidades, me apoiar e acreditarem em mim.

Ao meu orientador, Rodrigo Ceballos, por todas as palavras e tempo dedicado a contribuir com durante toda a monografia. Seus ensinamentos e confiança colaboraram imensamente para meu crescimento pessoal, intelectual e minha formação acadêmica.

Ao professor, Isamarç Gonçalves Lobo, por me desafiar a ser melhor em vários aspectos durante o curso e por ter se mostrado um amigo para além da sala de aula, pela troca de palavras de ânimo nos momentos de angústias que dividimos, ainda que virtualmente ao longo desse percurso. Pelos livros emprestados sempre com muita boa vontade e zelo. A você meus mais sinceros RBNN.

Aos meus colegas que de curso que dividiram comigo, ao longo desses 07 anos, duas greves, muitas alegrias, desafios, dificuldades, frustrações e momentos emocionantes que farão parte da minha formação pessoal e profissional e estarão sempre guardados em minha memória.

Aos meus professores da graduação, que tiveram extrema importância no meu desenvolvimento intelectual e humano. Por abrirem novos horizontes e entendimentos sobre o mundo e a vida.

As minhas irmãs de curso, Janaina Moreira e Yslany Moreira, pelas demonstrações de amizade, preocupação, cuidado e principalmente por me segurarem no momento de maior desânimo.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta tiveram a sua parcela de colaboração na minha formação acadêmica e pessoal.

RESUMO

Esta monografia é o resultado do estudo sobre a relação de identidade entre cidade de Poço de José de Moura- PB e o personagem histórico José de Moura. Estudei como foi construída sua imagem pública de rezador, místico e fundador da cidade paraibana, a partir da análise da historiografia local e das práticas culturais de evocação a sua memória. Empreendi reflexões e questionamentos sobre a construção, criações e ressignificações de suas práticas religiosas no decorrer de suas atividades como rezador, e sobre os discursos criados após sua morte. Para se chegar ao resultado final desse estudo, utilizei os relatos memorialísticos de um de seus ajudantes e os discursos históricos produzidos por historiadores e diletantes que estudaram o tema. Refleti como a festa de São Geraldo de Majella, principal manifestação religiosa, serviu para criar os vínculos de pertencimento entre José de Moura, a população local, a Igreja Católica e o município. Como resultado da pesquisa percebemos que a preservação e difusão de informações, o ensino da história local nas escolas localizadas no município, as práticas artístico-culturais, as atividades do museu Memorial Zé de Moura e os monumentos construídos em sua homenagem fazem parte da politização da memória, e tem por finalidade elaborar uma identificação entre a população, o rezador e a cidade.

Palavras-chave: História local; Religião; Identidade, Práticas Culturais.

Já dizia um tal Zé Lins
Que havia reza forte
E cangaço nos confins

Que a força da lavoura
Venceria a guerra seca
No poço José de
Moura
(Lau Siqueira)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1 - EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS COMO PRÁTICA COMUM	17
PADRE IBIAPINA	31
ANTÔNIO CONSELHEIRO	32
PADRE CÍCERO	34
JOSÉ LOURENÇO	37
“BEATO ZÉ DE MOURA: O ANTÔNIO CONSELHEIRO PARAIBANO”	39
CAPÍTULO 2 - ENTRE A ÁGUA E AS VELAS: HAVERIA POÇO SEM JOSÉ DE MOURA?	47
A ACEITAÇÃO POPULAR PARA A INFLUÊNCIA RELIGIOSA DE ZÉ DE MOURA.....	52
O LOCAL E OS RECURSOS PARA ACOMODAR A IMAGEM DO SANTO E TORNA-LO TEMPLO DE ORAÇÕES (A CONSTRUÇÃO DA IGREJA)	59
A RELAÇÃO DA IGREJA COM AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS DE ZÉ DE MOURA.....	65
PADRE SÁ E A DESAVENÇA COM A FAMÍLIA MOURA.....	74
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

INTRODUÇÃO

A primeira imagem que nos vem a mente quando falamos do Nordeste do Brasil do início do século XX é o de um país agrícola, dos grandes coronéis, e de uma instalação tímida de pequenas indústrias. Também remetemos à lembrança da seca, dos cangaceiros fugindo das volantes, os sertanejos tementes dos cangaceiros, da vegetação da caatinga e dos santos populares (tão referendados pela literatura), da música e das produções audiovisuais nacionais.

Ao evocar a Paraíba penso nas praias do litoral, na longa estrada de quase 600 Km que atravessa o estado em direção ao sertão. Sertão esse de longas procissões, dos muitos afazeres antes das dezoito horas ou das orações em casa, da missa na igreja, do silêncio na casa dos avós na hora do telejornal e dos ônibus lotados de estudantes a caminho de escolas e universidades em municípios maiores. As lembranças que me vem a mente ao falar da minha cidade, Poço de José de Moura, refletem-se na imagem da igreja e suas escadarias brancas, da praça, do grupo de reisado, das noites na calçada esperando o vento do Aracati e ouvindo histórias contadas pelos mais velhos.

É sobre uma dessas histórias que trata esse trabalho. Veremos como até os anos 60 do século XX um velho rezador modificou a vida de homens e mulheres através dos conhecimentos das crenças, de remédios caseiros, de rituais de preparação de chás, cozimentos e purificações dos lares. Veremos como se apropriou dos saberes e fazeres culturais dos seus antepassados para usá-los a seu favor atrelando-os a práticas “místicas” e a religião católica. Sabemos de antemão que a imagem desse personagem histórico foi retransmitida ao longo de gerações pela história oral e o ensino da história local, pelas celebrações religiosas e políticas, pela legitimação dos marcos municipais legalmente constituídos, pela construção de monumentos para referendarem sua memória e pela repetição anual de “tradições” incutidas no imaginário popular com a finalidade de retransmitir o respeito e as crenças ao sábio popular, ancião, conselheiro e benzedor José de Moura.

Durante a infância tive muitas referências religiosas católicas. Criada em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, frequentava as missas aos domingos com meus

pais, meu avô paterno e sua esposa, bem como acompanhava minha mãe um dia por semana à Renovação Carismática Católica na mesma igreja. Aos nove anos de idade, fui obrigada a mudar-me apenas com minha mãe para sua cidade natal, Poço de José de Moura, distante 540 km da capital, localizada no alto sertão paraibano e recém-emancipada politicamente. Já conhecia a cidade, sua festa do santo padroeiro e nossos parentes, mas apenas como uma pessoense em férias visitando a família sertaneja.

Nesse novo contexto, após 1995 e agora como moradora, fui inserida num universo de forte religiosidade. Fazia parte do cotidiano da população a devoção ao santo padroeiro da cidade, São Geraldo Majella, e práticas religiosas para mim desconhecidas, como novenas dedicadas a um santo ou santa¹, missas na intenção de falecidos, pagamento de promessas, depósito de ex-votos, velórios e sepultamentos², etc. As práticas conhecidas por mim foram reforçadas, passei a ser levada frequentemente a casa de vários rezadores e rezadeiras da cidade, conhecidos da minha família, para ser rezada de mau olhado³ e quebranto. Naqueles momentos me chamava atenção o cheiro exalado pelo ramo quando passava em forma de cruz entre a cabeça e o peito, a ele se misturava o cheiro da vela de sete dias acesa próximo ao oratório. As casas dos rezadores e rezadeiras tinham muitas imagens de santos, principalmente São Geraldo. Também havia as de padre Cícero ou de Frei Damião penduradas nas paredes. Quando saía de lá me divertia com outras crianças imitando os gestos e poucos dizeres que entendia daquela benzedura. Também passou a ter significado para mim as histórias sobre um velho rezador que atuava no Poço até a década de 1960, durante a infância dos meus pais.

Entre as histórias que ouvia em casa, durante as férias e nesse novo convívio havia relatos sobre visões sagradas que o rezador teve com um santo católico (posteriormente associado a São Geraldo de Majella), o desenvolvimento das festas religiosas em honra a São Geraldo Majella, curas milagrosas a pessoas de diversos lugares que recorriam a santo e ao rezador, remédios caseiros associados a orações recomendadas por ele, conselhos sobre os mais diversos assuntos e penitências; ouvi

¹ No Poço de José de Moura ocorrem novenas para santos e santas seguindo o calendário: Maio – Novena de Nossa Senhora da Conceição, Junho- Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Julho – Sagrado Coração de Jesus, Outubro – São Geraldo de Majella,

² Até os nove anos de idade nunca tinha ido a um velório ou sepultamento.

³ “De acordo com Richeport (1985), o olhado apresenta os seguintes sintomas: febre, frio, dor de cabeça e diarreia. Ver também o significado de olhado e quebrante em Cascudo (2001).” (SANTOS, 2007, p.56)

muitas histórias até mesmo dos maus assombramentos na comunidade. Cresci nesse universo onde a fé em Deus e as histórias de José de Moura e seu “tempo bom” estavam presentes na memória e “de vez em quando” eram narradas para os ouvintes curiosos ou cheios de saudade. Durante meus anos como estudante foi crescendo a curiosidade para entender a relação entre a memória acerca da vida e das histórias sobre José de Moura e a formação religiosa, cultural e política que deram origem à cidade. Esse interesse aumentou após o meu trabalho na Secretaria de Cultura do Município de Poço de José de Moura quando o museu Memorial Zé de Moura participou da Semana Nacional de Museus de 2013 e foi abordada a relação de identificação e pertencimento entre a população da cidade, o museu e o personagem histórico.

Das inquietações surgidas nesse período nasceu esse trabalho: os relatos orais e a história escrita davam a ideia de uma “origem mítica”. Por isso era preciso entender a cosmogonia de José de Moura, um rezador sertanejo, que ganhou representatividade a ponto de seu nome ser escolhido para denominar a cidade onde viveu.

O espaço em que realizei a pesquisa é a cidade de Poço de José de Moura⁴. O atual município tem 22 anos de criação e leva o nome do pequeno núcleo de povoamento rural que foi no século passado, denominado sítio Poço (e, conseqüentemente, do personagem histórico José de Moura). No período que nos interessa abordar inicialmente este era um pequeno povoado do Município de São João do Rio do Peixe, localizado no extremo oeste do Estado da Paraíba.

O principal objetivo aqui é apresentar a **história de José de Moura, a sociedade de sua época, a importância de suas vivências religiosas, políticas e culturais na formação da cidade de Poço de José de Moura**. Para isso precisamos discutir as relações entre suas práticas religiosas e os movimentos religiosos populares que estiveram em curso no Nordeste da primeira metade do século XX. Desejo apresentar os desafios enfrentados por José de Moura durante o desenvolvimento de suas atividades religiosas e por fim entender como sua imagem de fundador foi construída pelos historiadores, diletantes e pela população.

⁴ A cidade de Poço de José de Moura está localizada no sertão do Nordeste Brasileiro, no extremo Oeste do Estado da Paraíba. Distante 540 Km da capital do Estado, João Pessoa; 180 Km de Juazeiro do Norte, cidade que lhe exerceu forte ligação espiritual e cultural, localizada no Cariri Cearense. O município foi emancipado em 29 de abril de 1994, desmembrando-se do Município de São João do Rio do Peixe, através do decreto de Lei Nº 5.914 assinado pelo governador em exercício Cicero Lucena. (Fonte: (<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251207&search=|inifogr%E1ficos:-hist%F3rico> acessado em 10/06/2009 as 16:20)

Existem atualmente em Poço de José de Moura produções historiográficas, relatos memorialísticos de moradores mais velhos, atividades sociais, educacionais e culturais fundamentadas pela história do rezador, como: festas sociais e do padroeiro, desfiles cívicos e Semana Nacional de Museus. Além disso, estão presentes no cotidiano homenagens que vão desde o nome do município, que alia a denominação originária do povoado chamado de “Poço” ao nome do “fundador” José de Moura, até outros espaços públicos como: a Praça em frente a igreja da Matriz que recebeu o nome de Praça Zé de Moura.

Reforçam essas relações de poder os monumentos construídos com recursos doados pela população, no caso a sua estátua que mede 1,70m, foi feita de concreto e está localizada no centro da Praça. E monumentos construídos com recursos públicos como: o portal de entrada da cidade que apresenta santos da devoção católica, Nossa Senhora da Conceição e São Geraldo Majella, junto de um painel fotográfico de José de Moura e o museu Memorial Zé de Moura que tem o intuito de provocar uma reflexão em torno do sentimento de pertença entre a comunidade, o rezador e a cidade. Além desses elementos, os espaços de significações e as produções culturais neles realizados como: leituras de relatos escritos sobre o tema, exposições do museu, apresentações do Reisado Zé de Moura e da Filarmônica São Geraldo, o festival de cultura popular POCICULTURA⁵, encenações teatrais, narrações públicas das histórias, publicações temáticas em redes sociais, etc. promovem, recriam e reforçam a formação de uma identidade cultural para a cidade e seus habitantes.

De acordo com Wanderley (2007, p. 10): “A cultura, a memória e a história constituem um movimento que conduz a síntese da identidade, sem as quais esta não poderia existir, de forma, afirmativa.” Essa necessidade de constante reforço da identidade cultural local se dá através da busca dos gestores públicos, familiares do rezador, educadores locais, diletantes e até alguns historiadores da cidade em “resgatar o

⁵ Festival de Cultura Popular que ocorre na cidade, sempre na segunda semana de julho. Sua primeira edição ocorreu no ano de 2006 por ocasião dos 40 anos de morte de José de Moura. Na ocasião a Igreja Católica através do administrador paroquial da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Padre Walter Fernandes Anacleto e do tesoureiro da igreja de São Geraldo, José Vandervan, convidaram os familiares de José de Moura e um grupo habitantes da comunidade para refletirem sobre a preocupação de reafirmar a importância do rezador para a cidade e homenagear os 40 anos do seu falecimento. Pela iniciativa e responsabilidade da Igreja foi realizado o festival. Nele foi lançada a proposta ao poder público de construção e instalação de um museu “Memorial Zé de Moura”. E consolidação do retorno as atividades do Reisado Zé de Moura de forma contínua. O Padre Walter Anacleto fez parte do grupo de reisado até a criação da Paróquia de São Geraldo de Majella, em 2010.

passado” do tempo em que o Poço viveu um auge de religiosidade, visitas de romeiros e, conseqüentemente, início das mudanças econômicas e sociais que ocorreram entre 1940 e 1966. Mas nesse sentido concordamos com Bosi (2015, p. 59) ao afirmar a impossibilidade de reviver o passado. Esses sujeitos sociais ao evocarem as memórias através de representações de Zé de Moura, na ilusão de promover um resgate, acabam por reconstruir no presente acontecimentos vividos no passado elencados de acordo com os interesses de quem promove a pesquisa e a execução dessas práticas, que são na verdade releituras ou reconstruções do passado.

Os historiadores que trabalham o tema por sua vez buscam “descobrir” novos fatos desse Poço “mítico”, cheio de coisas a serem descobertas e difundidas antes que “se percam para sempre”. Suas fontes são vestígios do passado através de: relatos orais, fotografias, cartas pessoais, poesias, recortes de jornal, etc. que foram preservados por familiares de José de Moura e apontam como era a vida no Poço quando o rezador vivia na comunidade. Aqui é importante retratar que muito do que é produzido culturalmente para reelaborar a história de José de Moura tem o caráter de trabalhar o “não dito”, de um retorno ao passado mítico de quando Zé de Moura estava presente na comunidade e de reforçar o que já foi difundido.

Apresentadas as ressalvas, nossa pesquisa tem caráter bibliográfico e documental: bibliográfico porque faremos uma revisão teórica com atenção para os postulados da cultura, religiosidade e memória; documental porque centrado na análise de textos que compõem a historiografia local, cartas de romeiros e consulentes e panfleto de campanhas eleitorais e um caderno de manuscritos que trazem a biografia de José de Moura, a partir de relatos memorialísticos escritos na década de 1970 por Adonias Manoel Duarte (Nau).

Duarte foi ajudante de José de Moura e trabalhava com rezas ou fazia “mandados”, ou seja, levava recados ou encomendas de José de Moura aos seus conterrâneos, auxiliando nas tarefas da igreja. Tomamos aqui a biografia, segundo Levi (1998, p.171), ao analisar Diderot, que preza pela importância de sua “função pedagógica na medida em que apresenta virtudes públicas e vícios privados” dos personagens, nesse caso particular sobre Zé de Moura ficam expressas além dos acontecimentos da época, exemplos morais, virtudes, vícios e mágoas do biografado, a partir da percepção e das informações que seu ajudante conseguiu captar, escolher e

narrar. Nosso maior interesse é por suas práticas religiosas e entender como ele percebia o Poço e sua gente.

Nosso trabalho de historiador pretende ir além da percepção do não dito. Pretende buscar no que já foi trabalhado e interpretar como o presente reconfigura essas informações e analisa os contextos, intenções e como esses autores trabalham para elencar as representações que auxiliam na configuração de um fundador para o Poço de José de Moura.

No primeiro capítulo tratará de entender os contextos histórico e cultural que estavam em curso no Brasil quando eclodiram os movimentos religiosos populares dos séculos XIX e XX; analisar como antropólogos e historiadores entendem as práticas culturais que dão significado a sociedade, identificar outros personagens de nossa história semelhantes a José de Moura, apresentar sua prática religiosa. O eixo central desse capítulo visa relacionar os discursos culturais para entender o mundo religioso em que estavam inseridos Zé de Moura e os homens e mulheres que procuravam suas rezas e conselhos.

No segundo capítulo a partir da narração de Duarte desenvolverei interpretação com uma compreensão da relação de Zé de Moura com a cidade a partir dos desafios que enfrentou. O relato foi escolhido porque nos permite compreender o imaginário da época e interpretar quatro aspectos dessa relação: A aceitação popular para a influência religiosa de Zé de Moura, o local e os recursos para acomodar a imagem do santo e torna-lo templo de orações (a construção da igreja), a reação da Igreja as expressões religiosas de Zé de Moura, Padre Sá e a desavença com a família Moura.

Ao analisar a relação de identidade entre a história de vida de José de Moura e a história da cidade percebemos elementos que foram usados para sua construção.

CAPITULO 1 – EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS COMO PRÁTICA COMUM

**Salve, ó Deus a minha terra
De amor e devoção,
Poço de José de Moura,
Terra do meu coração.**

[...]

**Cidade de encantos mil
Que exalta o benfeitor
José Alves de Moura
A ti rendemos louvor.**

(Hino do município de Poço de José de Moura por Antonio Monteiro Neto)

É a partir dessas estrofes do Hino do Município de Poço de José de Moura que iniciamos esse capítulo. Uma leitura apurada desses versos nos remete a sentimentos de aclamação, amor, devoção, pertencimento, admiração, gratidão e reverência ao município e a José de Moura. Mas afinal, a que se devem tantos sentimentos à cidade e a José de Moura? Como poderemos entender esses espaços de significação e gratidão oferecidos ao lugar e ao homem? Depois de muito refletir sobre essas questões entendemos que a forma de o fazermos aqui é discutindo as relações entre os movimentos religiosos populares que estiveram em curso no Nordeste da primeira metade do século XX e as práticas religiosas de José de Moura através da história cultural e do entendimento do contexto social de sua época, no caso o início do século XX.

Foi construída para Zé de Moura, tanto pela historiografia quanto pelo ensino da história local, uma imagem de fundador do município. As histórias, causos e lendas contadas sobre ele contribuíram para essa imagem e ao mesmo tempo criaram-lhe uma áurea mística e reproduziram o sentimento de respeito por ele, suas crenças e a sabedoria que fez dele rezador, conselheiro e líder local.

Nosso objetivo nesse capítulo é entender os contextos histórico e cultural que estavam em curso no Brasil quando eclodiram os movimentos religiosos populares dos séculos XIX e XX; analisar como antropólogos e historiadores entendem as práticas

culturais que dão significado a sociedade, identificar outros personagens de nossa história semelhantes a José de Moura, apresentar sua prática religiosa. O eixo central desse capítulo visa relacionar os discursos culturais para entender o mundo religioso em que estavam inseridos Zé de Moura e os homens e mulheres que procuravam suas rezas e conselhos.

O povoado do Poço foi cenário de um movimento religioso popular deflagrado a partir de 1928 e se estendeu até 1966, ganhando novos significados desde então. A crença coletiva no rezador Zé de Moura e no santo católico São Geraldo de Majella levou essa terra a se tornar lugar de romarias e centro de expressões de religiosidade pautadas por sua liderança espiritual, desenvolvida poucas décadas após os acontecimentos de Canudos, Contestado, Juazeiro e praticamente simultânea ao Caldeirão.

Para o historiador Eric Hobsbawm (1995, p.14), o século passado foi um período denominado como “Breve Século XX” e definido por grandes alternâncias entre épocas de conflitos mundiais e nacionais, etapas de “crescimento econômico e transformações sociais” seguidas por mais uma temporada de crises e conflitos, desestruturações e dúvidas relacionadas ao futuro. Além de conflitos ao redor do mundo, o início do século XX foi marcado por muitas mudanças oriundas da consolidação do capitalismo e das ideologias comunistas e anarquistas. Os conceitos positivistas e marxistas também são exemplos das novas formas de ver o mundo que estavam em circulação no início dos anos de 1900. Apesar das transformações econômicas, ideológicas e políticas que afetaram diretamente as sociedades, as mudanças sociais e culturais que estavam em curso não se difundiam pelos países de forma homogênea. Cada país, estado, cidade, vila ou povoado se apropriava delas a sua maneira, na medida em que iam tendo conhecimento das novidades ou que elas se adequavam aos interesses das classes dominantes. As mudanças culturais aqui entendidas como as novas imposições nos modos de vida e nos costumes das classes sociais mais humildes sofreram maior impacto, pois a elas foram impostas novas cobranças, significados e hábitos que chegavam a ser antagônicos aos valores que conheciam e isso as levavam a se adequarem aos novos modelos políticos, sociais, culturais e religiosos. Para alguns historiadores foi entendido como um período de rupturas, mas seguiremos aqui a linha

que vê esse período como um tempo de convivência entre rupturas e permanências dos modos de viver, pensar e dar sentido ao mundo e ao meio.

Sabemos que no início do século XX a Europa e a América do Norte se consolidavam como potências mundiais e alcançavam grande desenvolvimento econômico e militar. Suas principais cidades passavam por um processo de modernização, por meio do grande número de inovações tecnológicas, embelezamento das cidades, saneamento básico, otimização e organização dos espaços urbanos; além da disciplina e controle do tempo dos empregados em nome da industrialização. (SILVA, 1994)

Esta modernização chegou a um Brasil ainda sob os impactos da abolição da escravidão, da imigração de mão de obra estrangeira, dos conflitos populares internos que tinham motivações diversas e estavam espalhados por todo país após queda do Império e Proclamação da República. Enquanto se adaptava ao novo regime político, os espaços urbanos do país se modificaram: inicialmente as grandes capitais, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, João Pessoa, Fortaleza, Manaus, etc., e posteriormente as grandes cidades interioranas passaram pelo processo de urbanização, reformas estruturais e higiênicas semelhantes às europeias, com o alargamento de avenidas, fim dos cortiços, reformas sanitárias, introdução de novos hábitos de higiene e vacinação da população, etc. (apud SILVA, 1994). Difundia-se pelo mundo e pelo Brasil novas influências que resultavam em “tempos modernos” para questões sociais, econômicas e psíquicas que Norbert Elias (apud SILVA, 1994) conceituou de Processo Civilizador.

Nesse contexto de modernização ocorrido no Brasil na proporção em que vive-se um sentimento de convivência entre um “novo” e um “velho”, o “moderno” e o “antigo”, apresentam-se nossos personagens históricos. Vale salientar apenas que de acordo com Le Goff (2003, p. 174), nem sempre esses conceitos significaram oposição. Aqui também não iremos hierarquizar assim. As práticas religiosas seguidas pelos pocenses que procuravam rezadores e o próprio Zé de Moura estavam permeadas de cosmogonias que davam significado e entendimento ao mundo naquele momento histórico em que “moderno” e “antigo” não estavam em choque, mas faziam parte do contexto da época.

Nesse Brasil que se configurava a modernização, a política ainda se adaptava ao modelo republicano e imperavam as oligarquias. Os grandes proprietários rurais detinham domínio político, econômico e social do país. A industrialização estava dando os primeiros passos e a economia tinha como base o modelo agrário de exportação. Este modelo se estendeu junto com todas as suas configurações sociais e culturais até praticamente a terceira década do século XX. Como analisou Rui Facó (1980), até esse período éramos um país majoritariamente agrário, a grande produção dependia do trabalho na agricultura de exportação, de subsistência e na pecuária promovida nos grandes latifúndios. A maior parte da população não habitava as cidades, mas em propriedades localizadas na zona rural. Os grandes proprietários de terras dominavam os latifúndios onde habitava a população rural e pobre, especialmente no sertão nordestino. Grande parte da população camponesa dependia dos trabalhos na agricultura e pecuária oferecidos pelos fazendeiros. As relações de trabalho eram firmadas pelo dono da terra aos seus moradores, agregados, meeiros, etc. Esses primeiros também comercializavam, tendo muito lucro, os produtos agrícolas produzidos pelos pequenos proprietários rurais e suas famílias. A exploração muitas vezes estava disfarçada pelas relações de apadrinhamento, compadrio, ordens e favores que faziam (e ainda fazem) parte da nossa cultura política.

O sítio Poço encontrava-se inserido nesse tipo de território rural, cheio de vínculos que se estabeleciam na humanidade e entre o Homem e a natureza. Os primeiros vínculos eram configurados pela confiança, solidariedade, amizade, parentesco, relações de trabalho. Os segundos estão ligados no papel de homens e mulheres com a natureza e a conhecem a partir do trabalho na terra, da observação da natureza e do clima (prenúncios de chuvas e secas), do conhecimento da fauna e flora da região, das formas de se protegerem dos animais peçonhentos ou perigosos com cuidados e/ou orações, o conhecimento das plantas venenosas, assim como das plantas medicinais usadas para tratar doenças. Esses vínculos são pautados pela sabedoria transmitida entre pais, filhos e apadrinhados. Porém concordamos com Theotônio, (2010, p. 28) ao lembrar que ela é desenvolvida e retransmitida entre a população rural, mas não fica presa nesse território, circula entre o rural e o urbano e entre os seus agentes e é muito utilizada por homens e mulheres que atuam principalmente como

rezadores, rezadeiras, parteiras, relatores de almanaques sertanejos, “profetas da chuva”, etc.

Diante disso, buscamos suportes teórico-metodológicos para entender as apropriações que esses agentes fazem desses conhecimentos, os significados que as rezas e a natureza passam a ter na vida desses sujeitos históricos. Sentimos a necessidade de compreender como se desenvolvem suas relações com esse meio em que vivem e até que ponto as ações do rezador tiveram influência na formatação histórica do Poço a ponto dele ser reverenciado pelo hino do município e pela transmissão da história local.

As leituras que fiz para desenvolvimento do tema mesclam literatura e historiografia. E dividimos nossa análise entre clássicos e leituras mais aprofundadas sobre alguns conceitos. Vemos autores que atribuem a fatores raciais e étnicos a formação da religiosidade nordestina. Para Euclides da Cunha o sertanejo apresentava uma religião mestiça, fruto da origem étnica formadora do “povo” brasileiro. Facó (1980: p, 31) afirma sobre Cunha que ele baseia suas teorias em Nina Rodrigues e é seguido por muitos autores que descartam as causas econômicas e sociais para atribuírem a mestiçagem como a principal causa do misticismo e do cangaceirismo.

A partir das teorias racistas e excludentes Cunha (1901: p, 31) observa que o sertanejo está na fase religiosa de monoteísmo, aliado ao misticismo e acrescentadas as superstições. Dedicou um tópico do livro “Os Sertões” ao que denomina religião mestiça, a mistura de credos e origens caracterizadas pela aparência físicas, raciais e morais desse homem. Cunha é naturalista e tem tendências positivistas. Faz uso de teorias das ciências naturais para analisar as práticas religiosas e usa a miscigenação para explicá-las. Acreditando que sua explicação é reducionista, bem como não explica a sociedade e a religiosidade da época partimos para outros autores.

Ao ler Pedra Bonita e Cangaceiros de José Lins do Rego pudemos amadurecer a percepção sobre como este escritor nordestino, representante do “Romance de trinta”, colaborou para a construção da imagem dos rezadores, “pretos velhos”, santos populares e seus seguidores; das expressões religiosas desses homens e de suas influências em movimentos religiosos populares. Percebemos que beatos e seguidores são classificados como fanáticos religiosos. Para o autor são tomados por misticismo e

crendices frutos do atraso intelectual e do apego ao sagrado. O que nos parece uma visão um tanto limitada, excludente e superficial assim como a anterior.

Ao elencar outros suportes bibliográficos sobre o tema observamos que Cunha e Rego baseavam suas concepções nas contribuições de Silvio Romero, pesquisador folclorista do Século XIX. Nessa época entre os intelectuais imperavam os métodos positivistas, a crença na ciência, na racionalização da organização da sociedade, “a obediência e a submissão como principais elementos” (CATENACCI, 2001: p, 30), onde o progresso, enquanto avanço tecnológico era o objetivo primordial.

Juntaram-se a Romero os pesquisadores Celso de Magalhães e Couto de Magalhães para identificar manifestações culturais brasileiras, principalmente de origem rural, como uma forma de contribuir com a formação da identidade nacional. Romero é um dos primeiros a construir uma identidade brasileira, exatamente com elementos “populares” escolhidos para hierarquizar os saberes e pontuar os distanciamentos entre os segmentos sociais da sociedade brasileira. É precursor de Euclides Cunha, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, tinha uma concepção que baseava seu estudo sobre a cultura na fusão das matizes raciais (indígena, africana e europeia) concluindo que nossa herança cultural assim como nossa população era mestiça.

Era um período de formação da identidade brasileira e regional. A mestiçagem é o pano de fundo. Dão uma visão culturalista à formação do Brasil, e posteriormente do Nordeste e dos Sertões. Foi preciso a leitura desses clássicos e o entendimento de onde partem suas teorias para entendermos como são elencados os saberes que compõem a “cultura e a identidade brasileira”. Concluímos que ela é feita como forma de aprisionamento dos saberes, hierarquização e distanciamento entre o popular e erudito, isso representa uma concepção cultural da época e a luz de outros autores discordamos dessa concepção pois ela ignora os sentidos e significados que cada elemento tem diante dos sujeitos que se apropriam deles.

No campo da historiografia buscamos mais embasamento. As leituras de Facó e Della Cava trazem narrativas importantes sobre os movimentos religiosos populares e tentam explicar a religiosidade nordestina. O primeiro em “Cangaceiros e Fanáticos” faz sua análise, a partir, de tendências marxistas e vendo o misticismo como pano de fundo para os movimentos religiosos populares atribui principalmente ao Nordeste estes traços religiosos, contudo atentamos para o fato que Della Cava (1976, p.21) nos chama

atenção de que os movimentos religiosos nordestinos faziam parte de uma conjuntura nacional e global de agitações no campo e que de acordo com Facó (1980 p. 13) encontraram na religiosidade uma forma de se inserir no campo em busca de melhores condições econômicas e sociais frente aos grandes proprietários da época.

Ele apresenta a economia da época anterior e posterior a Proclamação da República. Justifica que a população pobre do Brasil via os movimentos messiânicos como uma forma de se libertarem do sistema opressor de exploração que sofriam nas terras dos grandes proprietários e industriais que se instalavam no Brasil. O monopólio da terra aparece para ele como a gênese dos problemas sociais. Fala ainda sobre a ideologia burguesa de acabar com Canudos para salvar a república dos insurgentes que ameaçam o poder dos grandes proprietários. “O choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja dominante” (FACÓ, 1980, p.39) O autor apresenta rebeliões de pobres nos campos “de norte a sul do país” e traumas coletivos como os ocorridos em Pedra Bonita nas proximidades de Serra Talhada, Pernambuco que ainda assombravam os sertanejos. Entendemos, porém que Facó utiliza a perspectiva econômica em sua concepção reducionista das expressões religiosas no Nordeste. Facó como marxista entende as crenças como consequência das condições político-econômicas da região. Sul desenvolvido, sem expressões religiosas retrógradadas; Nordeste subdesenvolvido, espaço das credices e superstições.

Ralf Della Cava (1976: p.21) em “Milagre em Joazeiro” defende que “a sociedade sertaneja estava integrada em muitos níveis importantes, numa única ordem social de âmbito nacional”, porém a construção de sua narrativa está ligada primordialmente a escola positivista, faz uma abordagem política dos movimentos religiosos populares, das relações de poder no interior das instituições da Igreja Católica e da política partidária cearense e nacional em uma análise cronológica e política do que se passou no Juazeiro. Entende crenças como um dos elementos que fazem parte das disputas dos espaços políticos dentro e fora da Igreja num contexto que se manifesta em âmbito nacional e global.

Darcy Ribeiro também fala sobre a miscigenação dos traços culturais e na intercessão de valores e saberes que formaram o de “povo brasileiro” através da convivência entre europeus, indígenas e africanos. O intelectual apresenta que nossa cultura foi moldada a partir desse tripé, não como uma confluência de raças, mas de

formas de viver dessas ‘raças’, de se adaptar no território brasileiro e que resultaram, entre outras expressões, na formação singular de nossa religiosidade e do sincretismo religioso exclusivo do Brasil. Aqui não é a questão racial que está exposta, mas as misturas sincréticas da cultura. Ele também coloca as lutas de classe como pano de fundo para as diferenças culturais. Por mais interessante que pareça ainda não satisfaz nossa compreensão.

A leitura mais recente considerada nesse estudo foi sobre como o Estado Brasileiro entende a cultura. Desenvolvido pelo Ministério da Cultura do Brasil no ano de 2012, o Plano Setorial de Culturas Populares reúne conceitos, diretrizes e estratégias da política pública de cultura do país e entende como cultura popular o conceito do que ficou compreendido como conjunto de práticas designadas como folclore (nascido no século XVIII como a junção dos saberes do povo)⁶ “inicialmente com sentido na literatura dos antigos contos, fábulas, lendas, sagas, poemas e cantigas conservados pela tradição oral camponesa” (BRASIL, 2012, p. 15) e outros saberes como o conjunto de “**costumes, crenças, tradições**, ritos, celebrações festivas, criações materiais, etc. característico dos extratos da população trabalhadora mais pobre.”⁷ (BRASIL, 2012, p. 15)

Este é um instrumento político usado para pensar as políticas públicas de cultura e apontar caminhos para garantir os direitos culturais dos brasileiros, o acesso a manifestações artístico-culturais e outras produções desenvolvidas em território nacional ligadas as “culturas populares”. Ele tem o objetivo de salvaguardar, preservar e promover essas políticas públicas em caráter cooperativo entre os entes federados. Foi usado em nossa pesquisa para demonstrar os entendimentos de cultura e folclore reproduzido pelo MinC para gestores culturais, artistas e produtores culturais de nosso país. Isso tem uma ligação com as práticas “de resgate da memória do fundador em Poço de José de Moura”, falaremos mais sobre elas adiante. Porém não podemos esquecer que tradição/folclore é uma invenção. É um paradigma trazido por intelectuais para explicar expressões culturais de uma época. Ao fazerem isso, científicizam um saber e criam uma História do Brasil e elementos para o passado, versus o desenvolvimentismo pelo qual o país passava no século XX.

⁶ Tradução livre do termo Folk e Lore que significam “Saberes do Povo”. (BRASIL, 2012, p. 15)

⁷ BRASIL, 2012. Plano Setorial para as Culturas Populares.

Esses entendimentos sobre as raízes da religiosidade nordestina, suas crenças e costumes levam a algumas distorções, alguns desses autores citados ao se referirem a movimentos religiosos populares que ocorreram no Brasil e mais precisamente no território nordestino os classificam como fanatismo ou resultado da ação de fanáticos religiosos. De acordo com autores, principalmente das produções culturais ligadas ao Nordeste (especialmente da literatura, teatro e canções), os movimentos religiosos são fundamentados pelo misticismo e pelas crenças peculiares da população. Sob a luz de Albuquerque Júnior entendemos que a criação dessa imagem estereotipada para o modo de entender o mundo dos nordestinos crentes, seguidores de beatos ou apenas daqueles que desenvolvem suas formas de religiosidade são além de preconceituosos, privados de entender o mundo de acordo com a cosmogonia do nordestino que as viveu. Albuquerque Júnior (1999, p.127) apresenta uma explicação para a construção discursiva e imagética do Nordeste e das crenças dos sertanejos. De “Invenção” da região e dos nordestinos a partir dos temas frequentes usados em sua representação pela literatura e “outras artes”.

O misticismo e a visão sacralizada da natureza e da sociedade faziam parte deste mundo tradicional, onde a influência religiosa de todos os matizes, deste catolicismo popular português, marcado pelo sebastianismo e pelo milenarismo, passando pelo animismo e o fetichismo negro e indígena, possuía uma lógica contrária ao materialismo e à racionalidade crescente da sociabilidade moderna se instalava, notadamente, nos centros urbanos. O Nordeste é, pois, visto como o palco das crenças primitivas em oposição às crenças racionalizadas, às utopias político-sociais. Um espaço onde se busca a evasão da sociedade moderna, vista como uma sociedade pecaminosa[...] As narrativas também seguem uma estrutura que normatiza uma dada dizibilidade para estes fenômenos e para a região. Nestas, misturam-se topos imagéticos e enunciativos pinçados da Bíblia, das narrativas exemplares de santos, do martírio de D. Sebastião e das aventuras de cavalarias medievais. Profetas de roupetas negras e sujas, homens barbudos, magros e de olhos arregalados, apoiando-se num grande bastão preto, caminhando à frente de um grupo de pessoas também maltrapilhas, sujas, descabeladas, com terços e crucifixos ao pescoço, cantando intermináveis "incelências", rezando terço e segurando cruces e estandartes; acampamentos em que reina a promiscuidade e o terror trazido pelo "santo", que tem poder de vida e morte sobre as pessoas; que sacrifica, de preferência, a virgindade das donzelas e o sangue das crianças em honra a Deus, para que este perdoe os pecados de todos e venha, no dia de juízo, buscá-los para o seu rebanho. No dia do milênio, todos deviam estar purificados, para terem direito a entrar no reino da glória, onde se acabavam todas as dores e misérias, onde correram rios de leite e haveria montanhas de cuscuz.

Destes autores criticados por Albuquerque Júnior, utilizamos Cunha e Rego para exemplificar como eles deixaram fortes marcas no imaginário brasileiro e nas abordagens a cerca dos movimentos religiosos populares, também tidos com movimentos messiânicos, que se espalharam por todo Brasil. Esses relatos estabelecem relações com outras leituras. Os historiadores Facó e Della Cava seguem tendências econômicas e políticas das tentativas de explicar o mundo religioso, mas usam alguns conceitos e discursos abordados pela literatura. Darcy Ribeiro não consegue se desvincular totalmente das percepções de mundo reducionistas e oscila entre a explicação da cultura brasileira e as lutas de classe que formam o Brasil.

O conceito de culturas populares de nosso Ministério entende que as generalizações são perigosas e usa o termo no plural para configurar a ideia de democratização das oportunidades aos brasileiros, mas a heterogeneidade e o termo cultura, tão caro para a historiografia não é discutido de forma a explicar sua complexidade e hierarquizam saberes, tentam criar identidades culturais homogêneas como se não houvesse singularidades que precisam ser respeitadas e consideradas (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 21).

A religiosidade é permeada dessas singularidades que de longe parecem homogêneas, mas apenas analisando sob outras perspectivas, sob a égide desse universo de circularidade cultural, das misturas entre oficial e não oficial, das atribuições de sentido de acordo com o território e o momento histórico podemos perceber que é tudo isso que dá sentido a existência e manutenção de determinados ritos, crenças e entendimentos do sagrado.

Para compreender melhor o tema e chegarmos a essa conclusão buscamos autores que versam sobre o conceito de cultura, pois as abordagens marxista e positivista não satisfaziam as necessidades do tema. Partimos para autores que se aproximam dos postulados abertos com os Analles e encontramos na história cultural as fundamentações que mais nos aproximam da compreensão da religiosidade e das crenças camponesas do sertão Nordeste. Para isso foi preciso buscar inicialmente na antropologia o suporte necessário. Entendendo a cultura de acordo com o contexto antropológico desenvolvido por Laraia (2005, p.25) em sua interpretação de Taylor segundo o qual o conceito de cultura

“[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou

qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Com esta definição Taylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana.

Podemos compreender que cultura não é a união de raças ou de costumes étnicos, como pensavam Euclides da Cunha, seus antecessores e seguidores. Também é mais complexo do que Romero, Cascudo e aqueles que defendem que no Brasil temos uma cultura popular. Essa expressão no singular já é problemática e não propõe a existência de outras formas de sentir, viver, pensar e organizar o mundo. Sacralizar um conjunto de expressões culturais e definir como cultura popular é ignorar muitas simbologias que contribuem para o entendimento do sobre o tema aqui desenvolvido.

No livro “Costumes em Comum” Thompson (1998) criticou o termo cultura popular por ser generalizante e dar uma dimensão totalizante aos costumes e práticas de homens e mulheres. Os primeiros estudos sobre os costumes das classes economicamente inferiores se deram entre os séculos XVIII e XIX na Europa e foram tidos pelos estudiosos da época como resquícios do passado. Denominado de folclore, o estudo dos saberes do povo - este termo que já é, em si, ambíguo, insuficiente e generalizante - nasceu distanciando, e colocando “graus de superioridade e subordinação” nas práticas estudadas. Além dos graus de generalizações, o termo pode esvaziar o significado das práticas que a englobam. Destaquei a definição dada por Thompson (1998, p. 17) para o que se convencionou a ser chamado de cultura popular

“Sistema de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhados e artefatos) em que se acham incorporados”. Mas a cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de sistema. E na verdade o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto.

Em outras palavras, não existe cultura popular. Apenas expressões culturais, que marcam rupturas, dissensões, conflitos com o escrito, por exemplo. No caso, Thompson está preocupado em mostrar como os espaços do escrito passaram a interferir sobre o oral na Inglaterra do século XIX. Como leis se sobrepuseram às normas cotidianas, mantidas há séculos por acordos verbais e tácitos.

Após a ampliação do conceito de cultura através de Taylor entender as expressões culturais se tornou mais uma discussão mais latente. E sobre isso Canclini (1983, p. 12) trata do alargamento do termo cultura, devendo ser pensada como a

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas a administração, renovação e reestruturação do sentido.

Ou seja, as apropriações que fazemos da realidade, do sentido que damos a rituais, objetos, animais, etc. A cultura perpassa as formas como organizamos o mundo em nossas mentes. De como o vemos, ouvimos e convivemos com ele. De acordo com a leitura de Wanderley (2006, p. 12), Canclini se opõe veementemente ao uso do termo apenas para “conceituações idealistas... ligados ao campo das crenças, dos valores e das ideias” e, portanto, é impossível imaginar a cultura separada dos âmbitos materiais, ideais e sociais porque:

Os processos ideais (de representação e reelaboração simbólica) remetem a estruturas mentais, a operações de produção ou transformação social, as práticas e instituições que por mais que se ocupem da cultura implicam uma certa materialidade. E não só por isso: não existe produção de sentido que não esteja inserida em estruturas materiais. (CANCLINI, 1983, p. 29)

É por isso que muitas expressões religiosas são perseguidas. Não pela sua religiosidade em si, mas pela materialidade que dão com suas produções de sentido. Exemplo: consciência do voto ou simples partidarismos a políticos que ocorrem com relação a Padre Cícero.

Para Canclini (1989, p. 206), “a história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado” e que para haver algum tipo de registro, estudo ou legitimidade, este é feito por estudiosos provenientes das classes dominantes da sociedade. O “popular é aprisionado” por meio de seu próprio significado. A transmissão dos valores e ensinamentos é feita através da tradição oral, da vivência em comunidade ou em alguns casos mais recentes pela gravação em arquivos audiovisuais de algumas manifestações culturais, mais voltadas para o que ganhou conotações artísticas.

Outra observação deve ser feita com relação ao termo popular, pensamos que esta é uma forma preconceituosa de determinar espaços de expressão e prática

cotidiana. O que significa popular? Inferior? Da baixa camada social? Concluímos a cultura como uma forma de expressão que vem de expressões do cotidiano, de sua interpretação do oficial (a lei, por exemplo). Todos nós expressamos cotidianamente formas de cultura, seja na cidade, seja no campo, seja pobre, seja rico. Ela está na forma de falar, de gesticular, de se expressar. A religiosidade sertaneja é mais uma dessas expressões. E não que apenas “pobres” acreditam nela.

Sobre essas reflexões me apoio em Bakhtin sob a perspectiva de Theotonio (2010, p, 22) ao defender a circularidade cultural, ou seja, que não existe uma separação delimitada entre o que é cultura dominante e marginal, erudita ou popular, pois a cultura é feita por pessoas e as pessoas não se mantêm isoladas em seus grupos sociais, elas dividem espaços comuns, recebem informações através dos meios de comunicação (mesmo que estas sejam apreendidas de formas diferentes), mantem interações de valores e símbolos. Com isso ocorrem as trocas culturais, classificadas por Ginzburg (1987, p. 13) como a força das “[...] influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...]”.

Assim ocorre com a religiosidade desenvolvida pelos sertanejos, por exemplo: a Igreja Católica convivia com a fé das pessoas que procuravam rezadores. Coronéis e seus moradores dividiam crenças em santos católicos e santos não oficiais como Padre Cícero. Padres da Paróquia do Rosário em São João do Rio do Peixe e vindos de Juazeiro do Norte celebravam na Igreja de São Geraldo (na década de 1960 no distrito do Poço), sob a organização de hospedagens e celebrações feitas por Zé de Moura, muitos ricos e pobres ouviam e contavam, através de relatos orais, histórias de homens santos e mulheres “sabidas”⁸ que viveram pelos sertões.

Sobre a transmissão oral, retomamos a Thompson (1998) que nos alerta sobre a importância, o significado e os desafios dessa atividade tão necessária para a continuidade, legitimação ou esquecimentos dos costumes, pois

As práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares. Sempre que a tradição

⁸ No sentido de que entendiam de muitas rezas eficazes para vários tipos de doenças e indicação de remédios feitos com ervas medicinais ou eram parteiras que usavam relíquias sagradas, orações e seus conhecimentos para realizar partos onde não havia médicos. No Poço tinha Francisca Bastos que ajudava a Zé de Moura escrevendo as receitas de chás e rezando e ajudando Zé de Moura a rezar nos enfermos (continuou rezando em quem a solicitava após a morte de Zé de Moura) e “Mãe Sulina” que auxiliava as gestantes na hora do parto.

oral é suplementada pela alfabetização, os produtos impressos de maior circulação – brochuras com baladas populares, almanaques, panfletos, coletâneas de “últimas palavras” e relatos anedóticos de crimes – tendem a se sujeitar a expectativas da cultura oral, em vez de desafiar-las com novas opções. (THOMPSON, 1998, p. 18)

Entenda-se tradições como tradições inventadas, com toda rigidez e repetição que, de acordo com Hobsbawm e Ranger, (1984, p. 10) ela apresenta

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Ou seja, os inventores das tradições pretendem uma “continuidade artificial” do passado. Elas surgem como forma de uma classe, grupo ou família reagir diante de novas circunstâncias, desafios ou ameaças. Quando mudanças estão prestes a acontecer são estabelecidas ações estratégicas de reproduzir elementos do passado ou tomá-los como referências através das repetições.

No caso do Poço de “Zé de Moura”, foram duas ocasiões surgiram como situações novas pressionando grupos na busca pelos elementos do passado: O aniversário de cem anos de nascimento de José de Moura e o movimento de campanha pela emancipação política do distrito.

Essas duas situações fazem a população local repensar o espaço e suas representações, nesse contexto a família Moura e os políticos locais reúnem e criam um sistema de valores, significados e formas simbólicas que passaram a ser difundidas como a cultura do Poço, fruto das memórias dos mais velhos que se lembram de Zé de Moura como o rezador que deu início as mudanças positivas na localidade e introduziu símbolos culturais importantes. Como patrimônio imaterial a devoção e a festa do padroeiro, o grupo folclórico Reisado Zé de Moura e a Banda de música Filarmônica São Geraldo; como patrimônio material deixou a Igreja de São Geraldo de Majella, posteriormente foi construído seu túmulo ao lado da Igreja em 15 de julho de 1966, e no dia simbólico do centenário, em 13 de outubro de 1988, foi inaugurada a estátua do rezador ao lado da igreja. São os intelectuais do Poço ligados a família Moura que contam a história do Poço e elegem o rezador como o principal herói e símbolo da localidade.

Nesse sentido Zé de Moura passou a representar o que outros personagens históricos que tiveram influência nos movimentos religiosos e/ou considerados

messiânicos representaram. Ainda era forte na lembrança dos sertanejos as figuras do século XIX como Padre Ibiapina e suas missões por 6 Províncias⁹ do Nordeste, Antônio Conselheiro de Canudos, na Província da Bahia, Padre Cícero de Juazeiro do Norte, na Província do Ceará; O beato Zé Lourenço na década de 1930 no Caldeirão, Município do Crato, também na Província do Ceará. Segundo a historiografia surgiu Zé de Moura nessa mesma década, no Sítio Poço do Município de São João do Rio do Peixe, Província da Paraíba. Discorreremos um pouco sobre esses religiosos sem fazermos grandes análises. Para isso retomamos, principalmente, aos livros mais clássicos de nossa historiografia com o cuidado ao apresentar os adjetivos por elas usados para não produzirmos um discurso preconceituoso.

PADRE IBIAPINA

José Antônio Pereira Ibiapina aos 47 anos deixou o trabalho como advogado e se tornou padre, mudou o sobrenome Pereira pelo nome de Maria e passou a trabalhar pelos pobres através da Igreja Católica. Na década de 1960/1970 impactaram o Cariri cearense as missões de Pe. Ibiapina. Seu trabalho missionário passou por seis províncias do Nordeste, muitas cidades e povoados arregimentando fieis a sua causa e deixando marcas espirituais e materiais como: a “fundação das congregações religiosa de mulheres, casas de caridade,” (DELLA CAVA, 1976, p. 34) construção de açudes, igrejas, reformas em cemitérios, etc. Como apresenta Della Cava a cerca das transformações deixadas por sua presença

Nos dois decênios seguintes, até o seu falecimento em 1883, Ibiapina atravessou seis estados nordestinos. Por toda parte pregava com o entusiasmo de seus dias de Sobral. Por toda parte era recebido, com veneração, por ricos e pobres. O trabalho missionário não deixou de lado as melhorias materiais. Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de consertos nas igrejas e nos cemitérios mas, também, na construção de açudes, abertura de poços e cacimbas, bem como planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitarem o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionariam por mais cinco anos pelo menos. (DELLA CAVA, 1976, p. 34)

Provocando preocupação e descontentamento na hierarquia da Igreja Católica, após sermões acalorados e aconselhamentos terapêuticos recebeu do povo a fama de

⁹ Hoje denominadas Estados, por exemplo, Província da Bahia atualmente chamada Estado da Bahia.

“milagreiro”, santo vivo do sertão. Em 1869 o bispo do Dom Luis recebeu informações sobre as ações de Padre Ibiapina e seu trabalho e sua reputação no Cariri Cearense.

Ibiapina, ao que parece, tornara-se objeto de veneração popular. Durante sua missão em Barbalha, naquele ano, havia aconselhado uma mulher doente, e que lhe implorara a cura, a banhar-se nas fontes de Caldas, localizada fora da cidade. Quando a mulher regressou a Barbalha, três dias depois, completamente curada, Ibiapina foi saudado como “milagreiro”. Em sinal de agradecimento, o povo no local da cura erigiu uma capela a Bom Jesus dos Pecadores. Pouco depois, tornaram-se comuns e frequentes romarias a este e outros lugares do Vale onde já tinham ocorrido episódios semelhantes. (DELLA CAVA, 1976, p. 36)

Suas missões, sermões e obras foram contestadas pela hierarquia eclesiástica. (DELLA CAVA, 1976, P. 36) Em virtude da reputação e dos acontecimentos envolvendo o missionário Dom Luis mandou suspender o trabalho missionário no interior do Ceará. O padre partiu, mas seu legado ficou presente na memória Igreja Católica, das elites interioranas e da população pobre que o venerava.

ANTÔNIO CONSELHEIRO

Diferente de Padre Ibiapina, Antônio Vicente Mendes Marciel não era padre, mas um cearense descendente em um núcleo familiar envolvido em rivalidades familiares entre Quixeramobim e Tamboril, Ceará. Casou-se, trabalhou como caixeiro, escrivão do juiz de paz, solicitador e requerente do fórum, após ser abandonado pela esposa passou a se mudar e circular por vários estados. Os primeiros relatos de sua andanças fazendo sermões são da década de 1870, passava falando em nome de Deus, organizando celebrações de terços, novenas, penitências e ladainhas pelos povoados entre o Ceará e o sertão da Bahia. Por onde transitava ia arregimentando fieis seguidores para segui-lo em sua vida de orações. Instalou-se em Canudos, uma fazenda abandonada no Estado da Bahia, num sertão de terras avermelhadas e secas (CUNHA, 1901, p. 154-161).

Pregou, aconselhou e fez promessas de fartura por vários estados do nordeste, muitas cidades, povoados e fazendas. De acordo com Facó (1980: p.78) “Em 1978 já eram produzidas trovas sobre o Conselheiro. Um cancionero popular de Sergipe cantava suas façanhas”, e completa “Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares” (CUNHA, 1901, p. 164).

A ele foram atribuídos muitos adjetivos e acusações de que era “criminoso, místico, louco” (FACÓ, 1980, p.85). A popularidade do Conselheiro foi justificada por Facó

Tentaram explicar sua enorme popularidade entre as massas pobres do campo por dois motivos principais: o atraso das populações rurais e os supostos milagres em que acreditariam os seguidores seus. As duas causas se completariam para transformar o Conselheiro num semideus, justificando o seu proselitismo. (FACÓ, 1980: p.85)

Porém, discordamos desses argumentos de Facó e Cunha, e seus entendimentos da crença nordestina a partir de fatores como atraso, ignorância do povo ou fanatismo – termo que destorce as práticas religiosas tirando delas a noção de expressões culturais. O que ocorria era uma releitura da população pobre aos acontecimentos nacionais. É uma readequação dos costumes ao mundo do século XX.

Apesar disso usamos as informações de Euclides da Cunha. E ele afirma que havia no arraial a presença de curandeiros e cita Manoel Quebrado como um deles. Facó, porém crítica a prevalência ao estudo feito por Euclides da Cunha e sua abordagem antropológica, geográfica e de fundo religioso e fanático¹⁰. A análise de Facó concluiu que Canudos foi “Uma expressão da rebeldia sertaneja à prepotência do latifúndio, reflexo da luta de classe na fase superior da luta de classe”. Como afirmamos anteriormente discordamos dessa abordagem marxista por hierarquizar as regiões e sul/norte e dar um viés econômico as apropriações feitas as crenças dos sertanejos.

Mas, a reunião de milhares de camponeses nordestinos em torno do Conselheiro foi entendida como um desafio a república que havia sido instalada há apenas quatro anos e a Igreja Católica. Apesar de contribuir com obras e benfeitorias por onde passavam a “gente do Conselheiro”, além de reformar e construir cemitérios, igrejas e cruzeiros fazia junto com seus seguidores barragens em locais propícios para minimizar os efeitos da seca.

A Igreja sentindo-se ameaçada foi a primeira instituição a se manifestar contra ele, seguida pelos coronéis e políticos que se queixaram ao Governo da Bahia e ao Governo Central afirmando o risco que Conselheiro, seus seguidores tidos como fanáticos e a organização social comunitária vivenciada na cidadela representavam para

¹⁰ Termo que, segundo Facó, foi atribuído aos seguidores dos líderes religiosos de forma pejorativa por estudiosos do tema, políticos, coronéis, etc. Diferente dos cangaceiros, que se reconheciam como tal e usavam esse termo como identificação, os seguidores dos líderes religioso não se auto intitulavam fanáticos.

eles e para o país. Aqui é importante destacar que não eram as práticas religiosas de Conselheiro ou seus seguidores que eram vistas como uma ameaça eram as conotações políticas que foram dadas a elas, principalmente através da organização social que o arraial possuía de divisão comunitária de alimentos, água e recursos essenciais a vida.

Os inimigos do Conselheiro firmaram ainda, que ele tinha ideologias políticas restauradoras da monarquia e falava contra as mudanças que vieram com a república, como os impostos e o casamento civil. O resultado foi a deflagração da guerra entre o Brasil e Canudos, foram quatro expedições, muitas vidas perdidas tanto das forças militares do Brasil e como dos habitantes da cidadela. Antônio Conselheiro morreu antes do fim da guerra e teve seu corpo exumado para confirmarem que ele havia de fato morrido, tão grande foi o medo que a sua liderança espiritual provocou nas elites do Brasil.

PADRE CÍCERO

Líder de um movimento religioso popular praticamente contemporâneo a Canudos, do líder Antônio Conselheiro, o sucessor de Padre Ibiapina no Cariri Cearense, Padre Cícero Romão Batista nasceu em uma família pobre da região do Crato-CE no século XIX. A grande maioria dos padres da época vinha de famílias de posses, após a morte do pai, ele contou com o auxílio de seu padrinho, um comerciante do Crato, para custear seus estudos e se ordenar padre da Igreja Católica Apostólica Romana (DELLA CAVA, 1976, p. 20). De acordo com Della Cava (1976), depois de uma celebração na década de 1870, no simples povoado rural de Joaseiro, Padre Cícero recusou o convite de ir morar na comunidade, mas num momento de descanso teve um encontro com o sagrado, onde em seu sonho Jesus ordenou que o padre cuidasse dos pobres de Juazeiro, localizado na zona rural do Crato. Assim como muitas outras decisões e ocasiões de sua vida, a escolha de Padre Cícero de fixar residência na localidade sofreu influência desse encontro com o sagrado e da influência de visões divinas (DELLA CAVA 1976, p.26). Ele era humilde e fazia questão de levar uma vida modesta, junto a sua mãe, irmãs solteiras e beatas. Nem sempre aceitava o pagamento das celebrações dos sacramentos. Um dos modelos de religiosidade do Cariri era a Sociedade dos Penitentes do Crato e padres que professavam sermões acalorados sobre as punições direcionadas por Deus a humanidade, isso gerava nos fieis medos relacionados principalmente aos castigos da seca, fome e epidemias de doenças.

A crença coletiva em torno de Padre Cícero teve início após o episódio do “milagre da transformação da hóstia em sangue protagonizado por ele e a beata Maria de Araújo, em primeiro de março de 1989, fenômeno que se repetiu durante 40 dias durante a quaresma (DELLA CAVA, 1976, p. 17). Após o “milagre” a localidade virou centro de romarias na Semana Santa. Vários romeiros das cidades vizinhas, guiados pelos padres faziam a peregrinação a Juazeiro, esses padres colaboraram com a divulgação do “milagre”. O jornal contribuiu para divulgar o relato do milagre atribuído ao padre e Monsenhor Monteiro foi responsável por divulgar em um sermão o relato do milagre de Maria Araújo.

Os romeiros e devotos atribuíam ao padre os dons da profecia, santidade e que suas ações eram dotadas de inspiração sobrenatural. A simples indicação de terrenos para os retirantes trabalharem na agricultura de alimentos e no cultivo da terra em tempos de seca fazia com que o povo beneficiado considerassem-no santo. Além disso, a promessa feita com outros padres do Cariri em honra ao Sagrado Coração de Jesus pedido para que a seca acabasse, pois com iriam erguer uma igreja na Serra do Catolé também era motivo de referirem-se a ele como santo popular.

Padre Cícero sofreu influências de Pe. Ibiapina, era muito zeloso, independente e obstinado. Sua integridade estava acima de qualquer censura. Della Cava expõe características que nos aparentam semelhanças entre Padre Cícero e Antônio Conselheiro e com Padre Ibiapina que serão apresentadas respectivamente: moralização do lugar, proibição de danças, do consumo de bebidas alcoólicas pelos homens, mudança de vida das prostitutas e penitências públicas aos pecadores. As semelhanças com Padre Ibiapina dizem respeito a fundação da irmandade com a função de abrigar mulheres solteiras, viúvas, mulheres de instrução, mulheres simples, que neste caso moravam com a mãe de Padre Cícero, suas irmãs e alguns órfãos criados por ele; sermões importantes para a população; depois de alguns fenômenos tidos como milagrosos passou a ser considerado milagreiro, santo.

O Juazeiro se tornou lugar de romaria onde os devotos iam referenciar a urna com hóstias e os panos manchados com o sangue, passou a existir em Juazeiro um clima de “euforia espiritual. Todos os dias chegavam novos contingentes de romeiros: homens, mulheres, crianças, leigos e clérigos, ricos e pobres, pessoas ilustres e simples desconhecidos” (DELLA CAVA, 1976, p.80).

A igreja se posiciona contra as divulgações do milagre e o padre passou por investigação. Após ouvir beatas, padres, cidadãos eminentes e de 22 pessoas afirmavam terem sido curadas milagrosamente pela devoção “ao precioso sangue de Juazeiro” (DELLA CAVA, 1976, p.65). Em retaliação aos acontecimentos em Juazeiro, a Roma entrevistou pedindo a saída de Padre Cícero do lugar e em dezembro de 1893 interditou parcialmente os atos religiosos na capela de Juazeiro, como forma de resistência o povo respondeu ficando ao lado do padre.

Além disso, após os desfechos dramáticos das expedições enviadas a Canudos, em julho de 1897 o Bispo do Ceará, Dom Joaquim em uma das Cartas Pastorais lembrou a ameaça de excomunhão ao Padre Cícero e comparou a semelhança entre o “fanatismo de Canudos e de Juazeiro” e advertência para que o padre não que lhes tomassem como exemplo. O Bispo transformou o padre no novo conspirador contra a República. Os seguidores do padre eram considerados pelos políticos e jornais da época como fanáticos, e os líderes e suas superstições deveriam ser combatidos para evitar a anarquia na sociedade. (DELLA CAVA, 1976, p.112).

O sertão defendeu o padre exilado em Salgueiro. Coronéis, juizes, cura e chefes de polícia declararam, sem hesitação, que o padre era pacifista, obediente e estava do lado da ordem, era pacificador das massas. O Padre Cícero, acompanhado de Marrocos procuraram apoio e proteção dos líderes políticos do Vale do Cariri para atestarem sobre sua índole e suas intenções. Atestou obediência a Igreja, aos Estados e a ordem pública e se tornou confiável diante de seus acusadores (DELLA CAVA, 1976, p.113).

De acordo com o autor, a partir, de 1900 a produção cultural da literatura “mítica”, de cantadores, repentistas e cordelistas introduziram o personagem profético Padre Cícero no repertório de suas produções, isso gerou uma onda de representações para o padre que se configuravam “entre o milagroso e herói lendário da crença popular”. No primeiro momento, logo após os episódios da transformação da hóstia em sangue todas as classes sociais foram de encontro ao padre e ao milagre vinham de perto do Vale do Cariri para Juazeiro: trabalhadores rurais, posseiros, fazendeiros, chefes políticos, funcionários públicos etc. interessados na questão religiosa.

Após a condenação, em 1894 passaram a vir dos outros estados mais distantes do Nordeste como: Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia e Alagoas em especial da Região do São Francisco, eram principalmente a classe mais

pobre de trabalhadores rurais, vaqueiros e rendeiros sem terra que buscavam a salvação, curas e religião; os comerciantes, advogados e educadores passaram a migrar para Juazeiro por encontrarem uma oportunidade de negócios e não pela questão religiosa. (DELLA CAVA, 1976, p.139)

Após perder suas ordens sacerdotais, “foi por muito tempo foi prefeito de Juazeiro; 1912, tornou-se vice presidente do estado do Ceará, em 1913-1914, empenhou seu prestígio ao movimento armado que depôs o presidente do Ceará; em 1926 foi eleito deputado federal. Durante os últimos anos de sua vida, foi reconhecidamente, a figura pública mais poderosa do Nordeste.

Entre 1894 e 1934 as razões para ir para Juazeiro não eram apenas religiosas. O padre passou a ser considerado padrinho dos romeiros, recebia cartas com diversos tipos de pedidos, entre orações, conselhos, trabalhos e orientações para negócios o padre se tornou ainda o médico de Juazeiro. “Quase todos esses pobres sofriam de uma enfermidade crônica. A recuperação, era confiada de preferência aos santos ou aos rezadores, pois os médicos eram pouco numerosos e cobravam caro. (DELLA CAVA, 1976, p.139)”. Padre Cícero auxiliou seus devotos até sua morte em 1934 e deixou no povo o imaginário e as sementes da crença popular no Cariri cearense e sertão nordestino.

Defendemos a teoria que Padre Cícero influenciou Zé de Moura em muitos aspectos religiosos e de liderança. A proximidade entre Poço e Juazeiro, o trem como o meio de transporte, a imagem de São Geraldo trazida da cidade de Juazeiro e transportada em procissão para o Poço, a construção de igreja para o santo (uma pequena capela em 1928 e a igreja em 1937), o exílio de Zé de Moura no sítio Cuncas-CE na seca de 1932, as histórias sobre visões com o sagrado (Padre Cícero com Jesus, Zé de Moura com o que ficou entendido ser São Geraldo) nos fazem associar que Padre Cícero e sua obra em Juazeiro exerciam influência sobre Zé de Moura e em sua conduta junto ao espaço onde viveu.

JOSÉ LOURENÇO

Como uma das sementes deixadas pelo Padre Cícero, o Beato Zé Lourenço no Sítio Caldeirão, “Era uma das propriedades do Padre Cícero, na chapada do Araripe, no município do Crato.” (FACÓ, 1980, p. 196) O padre cedeu o terreno para o cultivo da terra pelos fiéis e Lourenço ficou responsável pela terra. Ele era considerado pelo povo

como “beato”, definido por Facó (1980) sob o conceito de “um homem casto e honrado”. Negro, peregrinou como penitente para Juazeiro por volta de 1900 e ficou responsável por cuidar de terras e animais do Padre Cícero. Conservava lendas de haver criado animais santos, como o boi Mansinho a quem adorou por muito tempo revelando ao povo a crendice que o boi fazia milagres. (FACÓ, 1980, p. 197) Arrendatário das terras, trabalhador carregava sobre si a fama de místico e penitente. Foi preso duas vezes, teve seu animal sacrificado da primeira vez e na segunda foi retirado da cadeia pelo povo, em outro animal considerado santo, agora um cavalo.

Homem de religiosidade muito afluente se preocupou com a construção de uma capela no sítio que administrava. Trabalhar na terra e orar eram as obrigações dos muitos seguidores que passaram a pedir moradia, junto ao beato (FACÓ, 1980, p. 197). Para melhorar aproveitar a água construíram barragens, a agricultura de subsistência era dividida coletivamente entre todos os membros. Mas a organização social, religiosa e comunitária do Caldeirão passou a incomodar aos coronéis da região, as autoridades políticas e militares porque a organização social que ali se formou fazia com que a população pobre visse o Caldeirão como uma alternativa de lugar para viver sem a exploração dos coronéis e de praticarem suas crenças. No Caldeirão tudo que era produzido era compartilhado entre todos, isso e a religiosidade ali presente tinham significados simbólicos na vida dos que escolhiam lá viver.

Certo dia as autoridades acharam que no Caldeirão se criara um foco de ameaça à ordem estabelecida e às propriedades vizinhas. Depois da morte do Padre Cícero, o beato Zé Lourenço, ficara sendo considerado por muitos seu sucessor. Ante a reconhecida e proclamada propriedade do sítio dirigido pelo beato Lourenço, a ele acorriam novos e novos contingentes trabalhadores do campo, inclusive trabalhadores de sítios vizinhos, de particulares, que viviam como agregados ou meeiros. (FACÓ, 1980, p. 200)

A Igreja começava a se posicionar contra os habitantes do Caldeirão, pelo perigo que este representava a seu domínio e as posses dos proprietários locais. O beato José Lourenço do Caldeirão antes de ser atacado foi denunciado ao clero, às autoridades civis e militares. O beato foi alertado pelas autoridades a deixar a terra que teve casas, plantações e depósitos destruídos. Mudaram-se de lugar guiados pelo beato e recomeçaram a vida. Zé Lourenço pacifista preferiu não entrar em conflito com as

tropas e optou pela passividade, mas alguns de seus seguidores atacaram um contingente de 10 soldados e foi considerado uma afronta, uma nova ameaça.

A memória do pesadelo que foi Canudos ainda permanecia na lembrança dos governos centrais e estaduais, do clero e da população. Os jornais faziam alarde e o governo do Ceará e Rio de Janeiro determinaram a sentença do beato e seus companheiros, era preciso mais uma vez extinguir a ameaça a ordem. Caldeirão, assim como Canudos tinha que deixar de existir. “Em janeiro de 1938”, os últimos homens e mulheres do Caldeirão foram exterminados. Zé Lourenço, as famílias que o acompanhavam, os combatentes que tentaram resistir [...]. Terminava ali outro episódio da guerra civil do Nordeste, que tivera sua grande eclosão, nos mesmos sertões adustos da Bahia, em 1936. Estava-se em 1936”. (FACÓ, 1980, p. 206).

As histórias sobre o Caldeirão e Zé Lourenço ganham novos significados para a população do Cariri Cearense, sua vida, obras e desfecho são objetos de estudo para muitos trabalhos que problematizam a religiosidade, seus símbolos e a cosmogonia da época no interior do Brasil

Todos esses religiosos tem ligação com a história de José de Moura pela proximidade e pela contemporaneidade de quando tudo aconteceu. Padre Ibiapina com seus trabalhos missionários até praticamente 1870. Antônio Conselheiro até meados da década de 1890. Padre Cícero ainda está vivo e é uma das figuras públicas mais importantes do Nordeste até sua morte em 1934, Zé Lourenço é contemporâneo de Zé de Moura. Além do mais havia uma proximidade cultural, religiosa entre o Poço e Juazeiro. As distâncias geográficas eram vencidas pelo trem. Esses homens compartilhavam a cosmogonia da época e isso era muito forte entre os líderes e população.

“BEATO ZÉ DE MOURA: O ANTÔNIO CONSELHEIRO PARAIBANO”

Na década de 1980, quase 90 anos após Canudos, pouco mais de 50 anos dos fatos ocorridos no Juazeiro e no Caldeirão, as páginas do Jornal Retrospectiva comparavam um beato paraibano aos personagens históricos que ficaram conhecidos como os mais famosos líderes messiânicos do Brasil: Antônio Conselheiro e Padre Cícero. No artigo intitulado **“Beato Zé de Moura: o ‘Antônio Conselheiro’**

Paraibano” foi lembrado, para toda a Paraíba, o movimento religioso popular que ocorreu no povoado rural do Poço, localizado no município de Antenor Navarro, estado da Paraíba, entre 1927 e 1966 liderado por José de Moura.

A matéria do jornal foi produzida em setembro de 1988 pelo jornal Retrospectiva, da capital paraibana João Pessoa na sua edição Nº 14, do II ano de criação do jornal. O autor da reportagem visitou o distrito do Poço com a intenção de realizar entrevistas e falar com a comunidade sobre Zé de Moura. A matéria foi publicada na página 8 do Jornal Retrospectiva, mas seu autor não foi identificado em suas páginas. Esse exemplar foi guardado, conservado e reproduzido por um dos sobrinhos de José de Moura que disponibilizou para nossa pesquisa a xerox da página que fala sobre seu tio, porém as outras páginas do jornal que poderiam conter o nome do autor do texto e outras informações haviam sido descartadas pelo nosso colaborador.

Essa matéria foi produzida porque havia o interesse em divulgar as comemorações simbólicas de 100 anos de nascimento do rezador que seriam celebradas no mês de outubro daquele ano. Para isso a equipe teve o respaldo da escritora Rosilda Cartaxo e de familiares de Zé de Moura, representando a família Moura. Esta por sua vez tinha influência no distrito, era detentora de um grande número de parentes habitantes em sua sede, de grande extensão das terras na localidade e líder da maior parte dos estudos produzidos sobre a história do Poço. A família exercia um “controle” populacional, econômico e intelectual no lugar e fez uso dele para promover o evento e o distrito cujas lideranças locais tinham aspirações de torna-lo município.

O artigo apresenta em linhas gerais a reprodução integral do subtítulo que trata da biografia de José de Moura de autoria de Rosilda Cartaxo presente no livro “Estrada das Boiadas: roteiro para São João do Rio do Peixe” e faz alguns questionamentos sobre o que José de Moura ouviu, conheceu e até onde pode ter sido influenciado por Antônio Conselheiro (Canudos) e Pe. Cicero Romão (Juazeiro do Norte) e compara certos comportamentos, influências e atividades de José de Moura com estes personagens históricos do sertão nordestino que o antecederam e atuaram em grandes centros de fé, religiosidade e misticismo. Rosilda Cartaxo também possuía grande influência tanto intelectual quanto pessoal, residia na capital paraibana e era membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano no texto fica clara a promoção dos relatos produzidos e publicados pela autora em 1975, quando havia se passado 09 anos da morte do beato.

José de Moura, ou simplesmente, Zé de Moura foi um rezador, benzedor, beato, sacristão, conselheiro e celebrante de ritos católicos na igreja e nas vizinhanças do Poço. De acordo com Theotonio (2010, p. 14) há diferenças entre os termos rezador e benzedor; este último de acordo com o dicionário Aurélio se refere a “mulher que pretende curar doenças e anular feitiços por meio de benzeduras... Nesse contexto, o termo benzedora/benzedor e suas práticas aparecem associados as “crendices e superstições populares”. Apesar do dicionário apresentar o adjetivo no feminino, Zé de Moura se enquadra nessa descrição, pois ele era procurado para desfazer “trabalhos”¹¹ que vitimavam pessoas que se mostravam com algum problema que a família acreditava ser de ordem espiritual, ou como diziam na época “coisa botada”. Eram atendidos por Zé de Moura e seus ajudantes.

O tratamento era feito a partir de remédios feitos com ervas medicinais e rezas. Nos casos mais difíceis os tratamentos com rezas duravam vários dias e a pessoa ficava hospedada na comunidade, ou em outros locais dependendo do caso. Como exemplo está o caso de um jovem, que no ano de 1952 apresentava um quadro de loucura e agressividade e foi levado pela família a Zé de Moura como último recurso. Ele e sua equipe de ajudantes cuidaram do rapaz, mas para segurança deles e com o consentimento da família o jovem ficou alguns dias numa cela da cadeia do distrito, onde recebeu o tratamento e foi rezado. Alimentado por vários dias e ficou curado.¹²

Aqui podemos fazer um parêntese para explicar segundo Theotonio (2010, p. 16-17) sobre as definições dadas para orações e rezas,

[...] orações são as expressões de fé padronizadas pela Igreja Católica, nessas comunidades as orações são utilizadas em ritos oficiais, a saber, nas missas, na realização dos sacramentos, nos terços e nas novenas. E as rezas são as práticas complexas, que conduzidas pelas rezadeiras, incluem falas, gestos, uso de símbolos como o ramo e a água e, ainda, a inserção de orações conhecidas do público católico que produzem um efeito de “ligação” (in)consciente com a oficialidade religiosa da comunidade.

Além das rezas e atendimentos das pessoas que o procuravam para serem rezadas também esteve à frente como organizador e como celebrante de novenas, terços

¹¹ Termo utilizado em uma das cartas que recebeu de uma mulher que pedia para Zé de Moura desfazer um trabalho que suspeitava que o marido era vítima. Na carta o termo tem o sentido de feitiço.

¹² Este relato consta em memória de Adonias Manoel Duarte, ajudante de Zé de Moura. Ele escreveu manuscritos contendo relatos memorialísticos e uma biografia do rezador que nunca foram divulgadas. O documento chegou até nossa pesquisa através de um sobrinho de 2º grau de Zé de Moura, José Vandevan, diretor do Memorial Zé de Moura.

e rosários nas casas da população mais abastada do Poço, de familiares e amigos fazendo o uso das orações católicas que ele aprendeu em livros e na convivência com o Padre Sá quando adolescente. Também foi autor de conselhos, bênçãos a negócios e casamentos, benzeduras e preces no povoado por um período de quase 50 anos; devoto de São Geraldo de Majella e de Padre Cícero, foi um daqueles homens denominado santo do sertão que davam significado a crenças fé e religiosidade da população do sertão e de diversos lugares do Brasil.

Voltando a matéria jornalística que compara o rezador, qualificado pela matéria como beato e místico, vamos transcrever e analisar a manchete e o enunciado da capa do jornal que relembra a trajetória de José de Moura e :

A força mística de Zé de Moura

Quem andar pelo Sertão paraibano vai ouvir falar no beato Zé de Moura. Aliás existe no município de Antenor Navarro¹³ um povoado chamado de Poço Zé de Moura, onde está edificada uma das igrejas mais bonitas de toda a região, obra do Beato. Este ano, no dia 13 de outubro, será comemorado o seu Centenário de nascimento. Retrospectiva esteve lá, conheceu de perto alguns moradores da vila, na maioria sobrinhos de Zé de Moura, e apesar de ter morrido em 1966, a sua memória continua acesa, como uma chama que ilumina as esperanças dos sertanejos. (Pág. 8) (RETROSPECTIVA, 1988)

O enunciado trata da força mística do beato Zé de Moura, se refere ao distrito como “Povoado de Poço Zé de Moura” reproduzindo o que Rosilda Cartaxo já fez na década de 1970 e ao que tudo indica era a forma de se referir ao Povoado do Poço. Está presente no enunciado o elogio a edificação da Igreja apresentada como mais uma obra de José de Moura; anuncia o aniversário do rezador e a comemoração do centenário no povoado; ao relatar sobre a visita ao Poço o autor afirma a existência desse povoado no Município de Antenor Navarro, que conheceu os sobrinhos de Zé de Moura e afirma sobre como a memória deste personagem histórico “permanece acesa”, viva e como isso significa esperança no sertão. Além disso a capa do jornal destaca a foto da Igreja de São Geraldo de Majella apresentando que esta foi construída pelo beato.

Os autores do enunciado estão preocupados em reforçar Zé de Moura como o responsável pela obra mais imponente da cidade, a força mística como fator de atração e

¹³No ano de 1932 que o Município de São João do Rio do Peixe teve seu nome alterado pelo Decreto de Lei Estadual Nº 50, de 26 de maio de 1932 e aprovado pelo Decreto Estadual Nº 284, de 03 de junho de 1932, para o nome de Antenor Navarro, homenagem ao interventor de Getúlio Vargas. Em 05 de outubro de 1989 ao ato das disposições transitórias da constituição estadual determinou a mudança da nomenclatura da cidade de Antenor Navarro para São João do Rio do Peixe. (<http://www.saojoaodoriadopeixe.pb.gov.br/historia/> acessado em: 20/06/2013 as 14:24)

preservação da memória do beato/rezador, atesta para o fato de que muitos dos moradores da vila são seus familiares que conservam e reproduzem-no como principal símbolo do povoado. O autor deixa claro seu interesse em rememorar o beato como uma figura mística, exótica e que o povoado ao conservar e promover essa memória como sinônimo de esperança também merece atenção como espaço exótico, diferenciado, peculiar.

A visita do jornal e a publicação do jornal foram importantes porque documentaram sobre o centenário de Zé de Moura e apresentou essa versão (principalmente no enunciado), a partir dos relatos que ouviu dos sobrinhos do rezador, da população do distrito, do relato publicado no livro de Cartaxo, da conservação da memória do beato através do nome do povoado, da construção da Igreja, o uso do termo “místico” para denominação do povoado e como na área de Antenor Navarro a lembrança da obra de José de Moura está presente na memória dos habitantes e no estímulo aos visitantes. E compara o líder religioso com outros personagens da história brasileira envolvido em movimentos religiosos importantes.

O Poço teve especificidades com relação aos outros movimentos religiosos populares, e Zé de Moura tem semelhanças com Padre Cícero e Conselheiro. O artigo apresentado aborda a história local escrita por Rosilda Cartaxo em seu livro “Estrada das Boiadas: roteiro para São João do Rio do Peixe”, do ano de 1975, e questiona sobre as influências que os famosos líderes religiosos tiveram sobre Zé de Moura; cita um trecho de “Os Sertões” que trata da aparição de Conselheiro na Bahia e de suas características físicas, culturais e religiosas.

Deixou crescer a barba, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuamente, sendo quase uma múmia. **Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e pregar e a dar conselhos às multidões**, que reúne onde lhe permitem os párocos; e, **movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser um homem inteligente**, mas sem cultura.¹ (RETROSPETIVA, 1988, Apud. Os Sertões, 1901)

Vejamos, diante do que está dito acima, algumas semelhanças com o beato paraibano. É provável que na sua infância e adolescência tenha ouvido falar em Antônio Conselheiro, já que este viveu até o final do século passado, e muito depois da sua morte. A exemplo de Conselheiro, **Zé de Moura exercia grande influência entre o povo sofrido do sertão onde a ignorância e o misticismo era explorado**. Se Zé de Moura não deixou crescer o cabelo e a barba, vestia uma meia túnica e com ela sempre andava. **Como Conselheiro, Zé de Moura rezava terços e ladainhas**. (JORNAL RETROSPECTIVA, 1988. Grifos nossos)

Na análise feita pelo autor desconhecido grifamos semelhanças entre eles, Zé de Moura como é dito no final do texto rezava terços e ladainhas em cerimônias públicas e privadas, dava conselhos, era acompanhado por uma professora, movia sentimentos religiosos, pois atribuía ao santo tudo que conseguia e com isso iniciou no povoado a devoção a São Geraldo Majella, depois de muitos anos de trabalho suas orientações eram respeitadas e seguidas por quem o procurava. Era bem informado do que acontecia no Vale do Rio do Peixe. As vestes de Zé de Moura representavam o sentimento de luto por algum familiar, já que o povoado era pequeno e todos eram parentes.

Percebemos ainda algumas semelhanças entre o rezador paraibano e o líder do movimento baiano, o centro de atuação deles era nas populações rurais, a eles foram atribuídos supostos milagres. Construía obras para o povo e para a Igreja Católica, além de cemitérios, e igrejas faziam junto com seus seguidores barragens em locais propícios para minimizar os efeitos da seca. Assim como em Canudos houve a construção de duas igrejas. No Poço, a primeira em 1928 e a segunda e atual que teve sua construção iniciada em 1937.

Diferente de Conselheiro, porém, Zé de Moura evitou os conflitos diretos com a Igreja Católica e com o Estado, fez amigos entre a elite, tanto proprietários de terras, comerciantes, políticos e padres sabiam de seu trabalho e colaboravam em defender o rezador de perseguições de políticos ou outros padres. Nunca prometeu alimentos ou fartura aos seus seguidores e mais parecido com Padre Cícero, não andava pelos sertões, tinha residência fixa no Poço desde que nasceu. Mas sobre isso voltamos a destacar: as semelhanças são elencadas de forma proposital pelo autor do artigo.

Entre as semelhanças com Padre Cícero, podemos destacar: Assim como Padre Cícero, José de Moura teve um encontro com o sagrado. O Padre o relatou como um sonho, José de Moura relatou-o como um encontro de conversão, remissão dos seus pecados, vícios e oferta do dom da cura (MATIAS, 1988). O padre Cícero relatou que visões sagradas com Jesus que lhe indicavam a missão de cuidar dos pobres, José de Moura recebera de um rapaz franzino a missão de curar os enfermos com oração e remédios caseiros e a orientação que jamais cobrasse por isso, o rapaz foi associado a imagem de São Geraldo Majella. Pe. Cícero manda distribuir romeiros para trabalharem nos sítios nos arredores de Juazeiro. (DELLA CAVA , 1976, p. 159)

José de Moura mandou que a comunidade quilombola dos 40 de Pombal fossem trabalhar e habitar a localidade de Triunfo (LISBOA, 1992). O Poço como o Juazeiro foi representado politicamente em busca da sua emancipação política e tornou-se distrito no ano de 1959. Padre Cícero foi exilado do Juazeiro em obediência a Igreja. Zé de Moura passou pelo pela experiência exílio duas vezes. Uma no início de sua obra religiosa quando saiu do Poço em exílio para o sítio Cuncas, CE no ano de 1932 em virtude da seca e do medo dos ataques de cangaceiros (CARTAXO, 1975). E a segunda para a fazenda de amigos do Ceará entre 1938 a 1939 para garantir sua segurança pessoal após ter sido preso, acusado de exercício ilegal da medicina em 1937 (MATIAS, 1988). A prisão se deu por questões pessoais e de intolerância entre o beato e autoridade eclesiástica do Município de Antenor Navarro, o Padre Sá (MATIAS, 1988).

Na construção do artigo do jornal vemos uma imagem do beato realizada a partir de assimetrias propositais. São elencadas de Zé de Moura várias semelhanças com outros beatos que existem na historiografia para reforçar sua santidade, bem como suas características peculiares. O rezador do Poço é tirado de suas singularidades e são valorizados os aspectos que o fazem comum a outros rezadores, beatos, santos “populares” do Brasil. Diante disso são ignoradas características importantes.

Nas práticas desses religiosos podemos identificar muitos elementos de influências das crenças do índio e do africano que adaptavam seus ritos, símbolos e significados ao que era imposto pela Igreja Católica Apostólica Romana. O que muitos autores identificam como práticas supersticiosas são também heranças dos rituais e saberes indígenas preservados pela transmissão oral, geração após geração e que ganham novos significados em fluxo contínuo a medida que são transmitidas. As benzeduras, acompanhamentos dos ciclos lunares para alguns rituais, o uso de plantas medicinais associadas a orações, etc. são exemplos da circularidade cultural e da apropriação dos saberes africanos e dos indígenas brasileiros preservados e associados as práticas da Igreja Católica no território.

Zé de Moura representa a continuidade de práticas religiosas, de expressões religiosas que formam a cosmogonia do sertanejo, cada símbolo, cada gesto, reza, oração, conselho dado por ele representava o exercício de fé, de apropriação e releitura da vivência em meio a modificações que vinham ocorrendo. Sua relação com a Igreja e

com o Estado foi mesclada por tolerância e repressão, aceitação com ressalvas. Em alguns momentos foi tensa e abordaremos melhor este ponto no próximo capítulo. Pela população do Poço e romeiros que o procuravam suas práticas foram aceitas, pois conseguiram apresentar, através de símbolos e significados os sentidos atribuídos por aqueles que exerciam as crenças e consumiam as rezas e os conselhos do rezador, já na metade do século XX. O trabalho religioso de José de Moura começa por volta de 1927, no período anterior a morte do Padre Cícero, e praticamente contemporâneo aos eventos do Caldeirão. Ao longo de um período de 50 anos desempenhou papel fundamental na vida do povo pocense e sertanejo e ficou conhecido além do território do sertão, pois despertou e criou em sua volta, sob sua influência, estruturas políticas, econômicas e culturais que geraram modificações importantes no povoado ao qual dedicou seu trabalho, mas isso não ocorreu sem desafios.

CAPÍTULO 2 – ENTRE A ÁGUA E AS VELAS: HAVERIA POÇO SEM JOSÉ DE MOURA?

A S. Geraldo Majella¹⁴

**Cantaremos a Geraldo,
Servo amante de Jesus,
E que vive lá nos Céos,
Entre glórias e entre luz,
[...] E porque te rodeaste
De espinho tão vigorosos?
Foi p'ra seguir de Jesus
Os passos tão dolorosos.
Mas se amaste a teu Jesus
Com tão grande e imenso amor,
Ama também a nós todos
Por amor do teu senhor**

(Hino de São Geraldo Majella entoado em sua Paróquia na cidade de Poço de José de Moura – PB)

O Hino de São Geraldo de Majella é um dos principais símbolos da devoção dos habitantes de Poço de José de Moura ao padroeiro da cidade, cantado nas novenas e missas dedicadas ao santo entre 07 e 16 de outubro de todos os anos, simboliza uma das muitas demonstrações de religiosidade da comunidade católica da Paróquia de São Geraldo de Majella¹⁵. Segundo a historiografia e a tradição oral, desde 1928 o Poço celebra as festas religiosas em honra ao santo.

De acordo com a Igreja Católica Apostólica Romana a celebração de seu dia é 16 de outubro e a cor usada pelos fiéis em sua homenagem é preta. Iniciamos este capítulo com esse recorte do hino porque em seus versos há demonstrações de fé no santo e em sua salvação, demonstrações do amor, da servidão, dos sacrifícios e dos desafios enfrentados por Geraldo em nome da fé. A penitência apresentada com orgulho, a crença demonstrada por seu autor de que através da servidão a Jesus rogaria por seus fiéis aqui na terra, a comparação do homem, que se tornou santo, com Jesus e com Maria. Mas que a relação tem com Zé de Moura e suas práticas religiosas? Baseados no

¹⁴ Letra do Hino de São Geraldo de Majella transcrita conforme ortografia que aparece no livro de orações pertencente ao acervo do Memorial Zé de Moura. Edição de 1925.

¹⁵ A Paróquia de São Geraldo de Majella com sede em Poço de José de Moura foi criada em 11 de abril de 2010. Faz parte da Diocese de Cajazeiras. Antes de ser criada a Paróquia de São Geraldo de Majella as a comunidade religiosa existente em Poço de José de Moura pertencia a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário em São João do Rio do Peixe. (Abreu, 2015, p. 07)

hino religioso adotado pela comunidade buscamos investigar se deu a relação entre Zé de Moura e o santo católico e como isso se refletiu na comunidade local e dos sertões do Nordeste.

Para problematizar isso foi necessário investigar algum elemento comum que pudesse trazer identificação entre a população, Zé de Moura e São Geraldo. Depois de anos convivendo no Poço e ouvindo histórias contadas pelos mais velhos da comunidade e de algumas ponderações sobre o assunto percebemos que sacrifícios, desafios e adversidades superadas a partir da fé são fatores comuns a esses sujeitos. Por isso trabalharemos com a análise de quatro desafios enfrentados por Zé de Moura ao longo de sua trajetória. Esse estudo é uma tentativa de compreender um pouco de como se configurou sua relação com a cidade. A partir de um episódio presente nos relatos memorialísticos, que contam sua trajetória de vida, sob a perspectiva de um de seus ajudantes faremos uma projeção da relação de Zé de Moura com a sociedade sertaneja da época, dos desafios enfrentados ao longo de seu trabalho religioso e das expressões culturais que hoje são atribuídas a ele.

Uma das coisas mais fenomenais que ocorreram no Poço, segundo um ajudante de Zé de Moura, que ouviu a história testemunhada por seus pais e avós, foi a procissão da chegada da imagem de São Geraldo de Majella ao povoado do Poço em 1928. O ajudante, Adonias Manoel Duarte (Nau), narrou o episódio num livro de relatos memorialísticos, onde escreve a biografia de Zé de Moura a partir de suas lembranças das histórias que ouviu na infância e dos anos em que trabalhou ao lado do rezador entre a década de 50 e 60 do século XX. Nos anos que trabalhou como ajudante prestava todo tipo de serviço, ensaiava com a banda de música a noite e durante o dia trabalhava com Zé de Moura fazendo tarefas, dando recados, escrevendo as indicações de remédios e rezando nos romeiros. O autor escreve segundo o que ouviu de seus pais e avós que vivenciaram a procissão. Denominando a história como uma lenda, diz:

No ano de 1928 Zé de Moura fez um acompanhamento trazendo São Geraldo de Majela da Barra do Juá, da casa do Coronel José Cirilo de Sá, em uma tarde, isso no dia dois de fevereiro; dia de Nossa Senhora das Candeias, em uma quinta-feira; vinha muita gente no cortejo religioso. Quando chegaram no lugar chamado Ramada¹⁶, foram surpreendidos por um temporal de chuva; todos acompanhantes gritaram! ... Vamos todos nos molhar-se, principalmente a Banda

¹⁶ A Ramada é um sítio localizado no atual Município de Triunfo, na época da procissão era composta basicamente da estrada, de terras para agricultura familiar e para a pecuária esem residências próximas.

Cabaçal, porque esta ficava imprestável. Zé de Moura diante daquela situação falou: eu vou na frente e todos acompanhem e assim foi feito. Zé de Moura na frente e todos acompanharam. A chuva chegou forte, mas ninguém molhou-se, só foi preciso todos tirarem os calçados porque a água corria de rolo no caminho. O fogueteiro soltava os fogos e estes explodiam na chuva. Quando chegaram no Pedro da Costa, a chuva tinha passado, e Zé de Moura voltou para junto dos outros que estavam rezando e cantando os hinos em louvor ao glorioso São Geraldo de Majela. (DUARTE, ~1970, p. 13)

Descrito como lenda fenomenal esse episódio impressionou o autor da biografia que cresceu ouvindo a interpretação que seus pais e avós deram a ela. Para escrever estes relatos o autor lembrou, selecionou e interpretou os fatos antes de sentar e começar sua narrativa. Esta nos chamou a atenção porque aponta um dos momentos relatados pela historiografia local como o dia da chegada da primeira imagem de São Geraldo de Majella ao Poço, o início da crença popular e das celebrações em honra ao santo na localidade.

Para o autor porém, isso é apresentado com menos importância do que outros assuntos, como a tensão que se instalou entre os participantes da procissão diante a possibilidade de se molharem em meio a chuva do inverno de fevereiro. E relata sobre a atitude de Zé de Moura que aparece numa demonstração de fé, sacrifício e sabedoria e toma a frente do cortejo religioso. O autor narra maravilhado a persistência dos fieis ao acompanhamento da imagem, salientando que houve animação e rezas dos devotos, que eles não saíram do cortejo e Zé de Moura foi na frente, a procissão seguiu e eles não se molharam mesmo debaixo da chuva forte.

Falou sobre gesto simbólico de tirar os sapatos para acompanhar a procissão que, naquele momento, tinha o sentido de preservar os calçados de uma população humilde que acompanhava a imagem do santo. Mas com as significações dadas hoje ainda é reproduzido na procissão de encerramento da festa do padroeiro quando os fieis tiram os sapatos para andar no calçamento quente do mês do outubro em sinal de penitência. Falou sobre a preocupação com a Banda Cabaçal que não poderia animar a procissão caso os instrumentos e músicos fossem molhados, dos fogos estourando no meio do temporal. E do “dia santo” de Nossa Senhora da Candeias. Nos parece que cada um desses elementos escolhidos pelo narrador tem uma simbologia própria. Cheio de intencionalidades, ainda que inconscientes, o narrador usa um caráter misterioso e

demonstra a cosmogonia do sertanejo e como foi elaborada a imagem mística de Zé de Moura e de suas influências.

Mas o que tem de tão interessante em um relato místico, que não foi vivido pelo autor da narrativa, que só os ouviu dos seus pais e avós? A resposta para essa questão perpassa o entendimento da história quase fantástica narrada por Duarte e os desafios vividos pelos personagens. Aqui são elencados aspectos da sociedade, das relações entre o rezador com o Coronel José Cirilo de Sá, um dos homens poderosos da região, e com a população local, aparece a cultura representada pela banda cabaçal, o uso da data religiosa para realizar o cortejo do santo, onde a imagem de São Geraldo e a população teriam contato pela primeira vez. Assim como para Darton (1988, p. 104-105) “Entender a piada do massacre de gatos pode possibilitar o “entendimento” de um ingrediente fundamental da cultura artesanal, nos tempos do Antigo Regime.” Para nós entender a interpretação do cortejo religioso pode nos possibilitar o entendimento dos desafios enfrentados por Zé de Moura ao longo de sua trajetória de rezas no povoado do Poço e como foi construída sua imagem de místico e posteriormente de fundador.

Mas antes de descer sobre o assunto existe a necessidade de observar nossa fonte de pesquisa. As produções historiográficas que tratam da história do Poço de José de Moura e as biografias dedicadas a história do beato, misturam-se na construção da história local, eles apresentam a data de chegada da imagem de São Geraldo ao Poço, mas apenas a narrativa de Duarte remete ao cortejo religioso que transportou até o povoado a imagem do santo. Duarte, de acordo com seus próprios relatos e com os de Matias (1988) fez parte da equipe que trabalhou com Zé de Moura durante alguns anos. O conjunto de manuscritos intitulado “Rascunho da Biografia de José de Moura” foi escrito na década de 1970, sem data precisa, após alguns anos da morte de Zé de Moura.

Preocupado em escrever suas memórias sobre a trajetória de vida do rezador, redigiu em 18 páginas de um caderno grande seu texto, organizado em tópicos que trazem o nome de “José de Moura e o/a” seguido do tema: Introdução, Biografia, Política, Banda de Música, Padre Sá, Esoteria, Lendas fenomenais, Amor, Histórias curiosas, Seu povo, Cabaçal e Reisado. Escreveu o texto quando já havia se mudado para Antenor Navarro, cidade para onde se mudou após o casamento em 1968, onde trabalhou na banda de música da cidade e posteriormente como oficial de justiça, não chegou a concluir a formação acadêmica do Curso de Direito por questões pessoais.

Escreveu suas memórias para assegurar que a história de Zé de Moura não fosse esquecida. Como uma forma de registro decidiu elencar esse personagem pelo fato de ter trabalhado ao seu lado desde a juventude e considerar importante para a história sertaneja. Além desses relatos também escreveu a biografia de um dos políticos do Poço, Chico Cassiano, contemporâneo a Zé de Moura e foi considerado por ele o oposto do rezador. Chico representava a Ciência e Zé a Religião. Usou como fontes sua memória e a memória dos que também conviveram com o rezador.

Algumas informações que aparecem em seus relatos também estão presentes nos trabalhos das autoras Cartaxo e Matias. São principalmente informações mais gerais sobre datas, nomes de outros personagens históricos, partidos políticos, etc. Como não há data nos manuscritos não sabemos se ele trabalhou com as autoras, se seu trabalho serviu de fonte para o trabalho delas ou se foi escrito para preencher algumas lacunas deixadas por elas. Entretanto não podemos esquecer que Cartaxo que lançou seu livro em 1975, mas a narrativa tem muitos pontos em comum com o trabalho de Matias de 1988. Os relatos tem características positivistas, com muitos nomes, datas, e o herói da história sendo reverenciado a todo momento.

Não podemos esquecer de considerar o que Bosi (2005, p. 81) delineou sobre a memória ter uma função social, ela é transmissão de conhecimentos através da experiência. Quando é nas memórias, especialmente dos velhos onde “momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até a humanizar o presente. (BOSI 2005, P. 81). Duarte não era velho quando escreveu suas memórias, tinha entre 40 e 50 anos, trabalhava, mas mesmo assim teve a preocupação em elencar lembranças, conversar com seus contemporâneos para redigir sua versão do que ocorreu. Porém, como alerta Darton (1988, p. 116) sobre a versão de Contat estes manuscritos, mais especificamente o relato da primeira procissão de São Geraldo, “não podem ser encarado como reflexo exato do que realmente aconteceu. Deve ser lido como a versão” do que Duarte interpretou do acontecido. Sob a luz de Darton (1988, p. 116) entendemos que

Como todas as narrativas, esta coloca a ação numa estrutura referencial; supõe um certo repertório de associações e respostas, da parte de sua audiência, e proporciona uma forma significativa à matéria prima da experiência. Mas, como estamos, em primeiro lugar, tentando entender sua significação, não devemos desanimar com seu caráter fabricado. Pelo contrário, tratando a narrativa como ficção ou invenção significativa [...]

Tentaremos desenvolver uma compreensão da relação de Zé de Moura com a cidade a partir dos desafios que enfrentou e como foi expresso na narração de Duarte, eles começaram com a chuva na procissão. O relato foi escolhido porque nos permite compreender o imaginário da época e pelas inúmeras imagens que são possíveis de interpretar. Delas elencamos quatro aspectos para a compreensão dessa relação: A aceitação popular para a influência religiosa de Zé de Moura, o local e os recursos para acomodar a imagem do santo e torna-lo templo de orações (a construção da igreja), a reação da Igreja as expressões religiosas de Zé de Moura, Padre Sá e a desavença com a família Moura.

A ACEITAÇÃO POPULAR PARA A INFLUÊNCIA RELIGIOSA DE ZÉ DE MOURA

Não se sabe ao certo o motivo que levou ao povoado celebrar suas festas religiosas em homenagem a São Geraldo de Majella. Diferentemente do que sabemos sobre a cidade vizinha, Triunfo - PB. De acordo com a historiadora Andrade, (2013, p. 16) a cidade celebra o novenário e os festejos em honra ao Menino Deus todos os anos durante o período do Natal para manter a promessa feita pelo Caboclo Manoel Bernardo, em meados do século XIX, pedindo que, o então povoado, fosse livrado de um surto letal de cólera que assolava a região.

Porém no Poço, existe na tradição oral e na grande maioria das publicações da história local uma indicação velada da origem dessa devoção. A maioria dos autores registram o encontro de Zé de Moura com o sagrado. Nessa análise sobre esse encontro usaremos o sub-capítulo intitulado “O Místico José de Moura” presente no capítulo “Figuras Populares” do livro “Estrada das Boiadas: roteiro para São João do Rio do Peixe”, de Rosilda Cartaxo (1975) que trata da origem de São João do Rio do Peixe e a Biografia do Místico José de Moura, escrita por Francisca Fonseca Matias, no ano de 1988 e publicada como parte da programação da comemoração do centenário de José de Moura.

De acordo com Matias (1988), por volta dos anos de 1920 diante de algumas mudanças no comportamento problemático que apresentou por um tempo, do retorno aos hábitos de orações cotidianas e da participação na vida da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de São João do Rio do Peixe, o jovem Zé de Moura

passou a frequentar as missas em honra à devoção ao Sagrado Coração de Jesus todas as primeiras sextas-feiras de cada mês. Em um dos retornos para o Poço, teve um encontro com um jovem de características divinas, “um jovem de estatura média, corpo franzino e lhe entregou um pequeno vidro com um líquido, dizendo que ele desse as gotas daquele remédio a quem estivesse enfermo, qualquer que fosse a doença, curaria” (MATIAS, 1988) usasse as gotas e orações para tratar dos doentes. A ele foi recomendado que quando o líquido acabasse rezasse pela saúde das pessoas que o procurassem. Além das rezas e benzeduras deveria associa-las a remédios caseiros e chás, garrafadas ou lambedores feitos com ervas medicinais, recomendara ainda que não recebesse pagamento, e “se alguém insistisse em pagar, recebesse como esmola e fizesse doação quando necessário.” (MATIAS, 1988).

Até aqui o que nos chama atenção nesses relatos é que prática ainda é comum do costume indígena, entre os rezadores e rezadeiras dessa região, bem como em parte da população, com ênfase nos velhos da comunidade, valorizarem e fazerem uso e indicações de remédios a partir dos conhecimentos de raízes, folhas e frutos no preparo remédios caseiros. Esse conhecimento é típico desta região.

Nesse relato a autora trabalha na construção mítica de um homem religioso. Entre o paganismo e o sagrado. A novidade está na caridade. O dom da cura, o aconselhamento para que nada cobrasse e fizesse doações quando necessário, descrito por Matias (1988) foi dado por uma pessoa desconhecida a um sertanejo pobre, humilde que não tinha roupas para ir à missa, indo com as do irmão que pegava escondido, esse homem também teve um passado permeado de vícios e distanciamentos da fé. Zé de Moura é o curandeiro que surge mediante um encontro sagrado.

Cartaxo (1975. p 203). vai mais fundo em sua descrição “inspirado talvez por um espírito de luz começou diante de suas orações a obter resultado na cura de várias doenças, era especialista em psiquiatria, e para alguns consulentes dava ótimos conselhos”. Mas quem seria esse espírito de Luz, este ser sagrado que inspirou Zé de Moura a dedicar-se a vida de rezador? Matias (1988) interpreta esse encontro trazendo um significado importante para o que ficou consolidado no imaginário e na historiografia a cerca de José de Moura, segundo a autora “Foi muito devoto de São Geraldo Magela¹⁷, em virtude da semelhança dos traços físicos, que ele achou entre a

¹⁷ As citações usadas no capítulo seguem a ortografia dos textos originais.

imagem de São Geraldo e o jovem que lhe dera o remédio, no caminho de São João do Rio do Peixe.” Esse encontro teria lhe despertado além do dom de rezador, a liderança espiritual para reproduzir para a comunidade onde viveu a crença coletiva no santo. A imagem de São Geraldo que está no altar de sua igreja no Poço de José de Moura é semelhante a descrição feita por Matias de um homem jovem, franzino e piedoso.

Sobre esse encontro com o sagrado os historiadores como Silva Sobrinho (2005), Abreu (2013), culturalistas como Sá Júnior (2007) reproduzem e dão novas significações aos discursos apresentados nas décadas de 70 e 80 do século XX por escritoras diletantes que discorreram sobre a vida de Zé de Moura e narram esse encontro, seguindo o exemplo de Cartaxo (1975) e Matias (1988). É através de todos esses textos e da tradição oral presente no imaginário poçomourense, que se reproduz o foi contado a princípio por Zé de Moura como um encontro sagrado com o jovem que lhe deu o líquido capaz de curar todos os males. Esse encontro foi ressignificado publicamente no texto de Abreu (2013) e no desfile cívico da cidade de 2014, que apresentou o encontro como um sonho que José de Moura teve com São Geraldo de Majella e concluindo que teria sido a partir dele que surgiu o culto a esse santo e a nomeação dele como padroeiro do Poço.

Essa história e as apropriações e significações dela se reproduziram, principalmente, através de relatos orais da própria família, dos contemporâneos de José de Moura que o ouviram contar sobre o encontro e acreditavam ter sido mesmo uma visita do santo ao pecador redimido. Posteriormente com os textos esse encontro ganhou maior publicidade. Recentes ressignificações dos trabalhos sobre sua imagem não dão prioridade em elaborar análises sobre esse encontro, mas ele não passa despercebido. Os textos têm um viés mais voltado para o patrimônio imaterial que teria deixado como herança: as festas de São Geraldo, o reisado Zé de Moura e a Filarmônica São Geraldo, bem como nas reinterpretações promovidas pelo museu. De patrimônio material temos o túmulo ao lado da igreja e outros monumentos em sua homenagem. Esses estudos legitimam o como o escolhido.

Diante do exposto, podemos perceber na historiografia a participação de Zé de Moura como incentivador e organizador das festividades em honra ao santo desde outubro de 1928. A historiografia e a tradição local atribui ao intermédio dele e de

familiares o início a devoção, o contato com padres para virem celebrar no Poço¹⁸, a construção das igrejas, o auxílio durante as celebrações das missas e novenas. No relato de Duarte, Zé de Moura aparece como responsável por fazer a procissão que levou o santo para o Poço. A imagem do santo estava na casa do Coronel José Cirilo de Sá, localizada na Barra do Juá, na época um importante sítio do município de São João do Rio do Peixe onde havia uma das maiores feiras da região, haja vista a proximidade com o Ceará. A parceria do coronel com Zé de Moura nesse momento da chegada da imagem do santo nos intrigou, pois a figura do coronel referendando uma prática religiosa legitimava para a população a confiança que podiam empregar ao santo e a quem promovia.

Diante disso passamos a questionar, afinal o que Zé de Moura era? Por que ele tem tanta autoridade? Em linhas gerais essa autoridade ele tem porque vem de uma família numerosa, com pais respeitados pela comunidade e que gozavam de muitas amizades, relações de trabalho e compadrio. Era um povoado com uma população pequena, onde havia poucos núcleos familiares compostos de muitas pessoas, entre familiares e agregados. O Poço era um povoado onde todos se conheciam e tinham algum grau de parentesco.

Entendemos que é a busca pelo seu espaço de atuação o que o leva a se arriscar tanto diante do pequeno povoado.¹⁹ O pai havia sido tropeiro, comerciante, seu irmão mais próximo após ficar viúvo duas vezes casou-se novamente e tinha uma família numerosa, também era comerciante, explorava as terras com o plantio de cana, tinha engenho de rapadura, gado, etc. Os outros irmãos também tinham suas famílias cada uma com entre 2 e 8 filhos e ele era solteiro, foi professor por alguns anos, mas insatisfeito com os poucos recursos que recebia pelo trabalho encontrou na religião uma forma de se firmar diante da comunidade, conquistar respeito e ainda por cima liderar as celebrações religiosas nesse espaço. Para entender melhor esse aspecto teremos que apresentar como tudo começou.

¹⁸ Existe no Memorial Zé de Moura uma carta da década de 1950 endereçada a Zé de Moura com resposta a sua solicitação por um padre para ficar hospedado no Poço e realizar sacramentos e missas durante as festividades religiosas de São Geraldo de um dos anos. O remetente estipula as despesas e as condições para enviar o sacerdote ao Poço.

¹⁹ Os relatos sobre a profissão do pai e dos irmãos de Zé de Moura encontram-se no Memorial Zé de Moura localizado em sua cidade natal. Foram escritos em 2013 pela equipe da instituição durante a realização da Semana Nacional de Museus, evento realizado em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus.

ANTECEDENTES

Antes de se tornar o Zé de Moura, descrito por Duarte que mais parecia o Moisés do Antigo Testamento levando seu povo entre as águas, nosso personagem vivia uma vida simples. De acordo com Abreu (2013, p. 02) ficou órfão de mãe aos dez anos de idade, passando a ser criado pelo pai e a madrasta e contando a proteção de Padre Sá. Este padre teve um papel muito importante na formação religiosa dos paroquianos de Nossa Senhora do Rosário, moradores do território de São João do Rio do Peixe, além do sacerdócio nesta paróquia exerceu cargos políticos de deputado estadual da Paraíba, prefeito de São João do Rio do Peixe por vários anos, também era grande proprietário de terras da região.

De acordo com Abreu (2013. p. 02), “convivendo com aquele sacerdote, aprendeu muito sobre os assuntos espirituais, o que sempre lhe despertara curiosidade.” Mas após a adolescência, segundo Matias (1988) se envolveu com vícios da bebida e do jogo, onde para conseguir dinheiro fez uso de credices embasadas na aquisição de um livro de orações, o Livro de São Cypriano, usado para fazer trabalhos espirituais apresentava a dicotomia entre o bem e o mal, tendo o jovem Zé de Moura optado por trabalhar com a parte maléfica do livro. Esses trabalhos foram descritos pela autora como “mandinga” e “artes diabólicas”. Ainda de acordo com ela, lhe ocorreu um surto psicótico após o fracasso de suas tentativas de prática de um trabalho com o auxílio do livro. Depois do ocorrido, segundo a autora, Zé de Moura voltou aos atos religiosos, abandonou os vícios e começou seu trabalho de remissão e conversão.

Teria sido a partir desse momento, por volta do início da década de 1920 que começou a realizar atos públicos de fé. A revelação e a prática destes, são abordadas por todos os autores que tratam da história de Zé de Moura e da cidade. É a partir da “conversão” que ele começa a tornar-se um beato e realizar orações, novenas e celebrações nas casas de parentes e compadres dos seus pais. Prática que se tornou frequente no sítio Poço. De início foi percebida com estranhamento, mas posteriormente aceita e referendada pelos habitantes da comunidade que passaram a convidar o beato para comandar as celebrações e os novenários promovidos pelas famílias católicas da região.

Toda essa narrativa é muito bonita, um homem que se torna que se torna beato, santo e redimido depois de sair do fundo do poço, morando no Poço. Deixando de lado os trocadilhos infames, as narrativas construídas pelos autores, especialmente Matias nos fazem lembrar sobre as práticas de cristianização da memória ocorridas na Idade Média, segundo Le Goff (2003, p. 438), com o “desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos” e nos testemunhos escritos para cristalizar a recordação dos mártires (2003, p. 438). Há a construção de uma identidade mística para o beato a partir de um contexto específico e uma narrativa, além de positivista, determinista, que usa artifícios como o mágico e o imaginário para construir um herói local místico. Um homem profano e ao mesmo tempo católico. Outros autores dão visibilidade a isso reforçando o que já existe ou trabalhando o “não dito”.

Feitas essas ressalvas podemos concluir que esta relação entre o santo e Zé de Moura e a vinda de uma imagem são bem significativas. São simbólicas. Quando ocorre o cortejo trazendo a imagem de São Geraldo para o Poço, Zé de Moura já era conhecido pela prática de orações, por celebrar ritos católicos que a igreja permitia mesmo sem as ordens sacerdotais. Zé de Moura conviveu com Padre Sá por algum tempo, passou a adquirir livros de orações, conheceu outras cidades durante as secas prolongadas quando sua família deixou o Poço. Provavelmente tudo isso, aliado a consideração que as famílias do povoado tinham a sua família lhe deu autoridade e inspirou a confiança dos que lhe seguiram no cortejo ao santo e na devoção a ele.

Além do mais o início do trabalho como rezador a partir do recebimento do dom a partir de um líquido oferecidos por um desconhecido com características semelhantes a representação de São Geraldo reforçaram esse lugar do escolhido. Pois se compararmos como ele torna curandeiro e o que Theotonio (2010, p.37) afirma sobre a transmissão do ofício de rezador podemos perceber essa diferença claramente, pois

O processo de iniciação pode ser pela transmissão de alguém da família que já rezava seja a mãe, tia, madrinha ou uma rezadeira da própria redondeza. Esse aprendizado é lembrado pelas rezadeiras como partes de sua infância e adolescência, comparado a uma escola, um processo contínuo quer requer assiduidade, observação, paciência no ouvir e capacidade de memorizar, além de estar associado às relações familiares.

Porém, Quintana (1999, p.53) nos relata sobre a existência de dois tipos de aprendizagem para a iniciação do rezador ou rezadeira no ofício santo:

Em todos os casos estudados, a formação da benzedeira depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de um processo imitativo e a que é consequência de uma experiência sobrenatural.

Nenhuma de nossas fontes indica que Zé de Moura passou pelo esse processo de aprendizagem e transmissão em convivência com outros rezadores. Indicam seu interesse em leituras de livros de orações que o auxiliassem “na tarefa a ele confiada”, (MATIAS, 1988), esoterismo e psiquiatria, além dos conhecimentos da natureza. Os estudos anteriores dizem que o dom de rezador surgiu a partir da visão com o que ficou no imaginário popular como o santo católico.

Um fato curioso sobre a celebração em honra a São Geraldo é a proximidade de sua festa com a data de nascimento de Zé de Moura, ambas acontecem na mesma semana no mês de outubro. Zé de Moura nasceu em 13 de outubro de 1988, comemora-se o dia de São Geraldo anualmente no dia 16 de outubro. Nesse dia também é celebrado o dia de santa Edwiges.

Retornando ao relato do cortejo religioso, interpretamos o distanciamiento de Zé de Moura dos “outros” que seguiam o santo aos cantos e rezas, sob a ótica da tomada de uma posição ambígua: de fé e sacrifício e ao mesmo tempo liderança e proteção. O beato só retorna para a procissão quando o desafio foi contornado.

ACEITAÇÃO

Até onde percebemos, atualmente na paróquia foi cultivado ao longo desses 88 anos forte devoção ao santo demonstrada através da realização e o pagamento de promessas, doações em dinheiro ou bens para a Igreja durante o novenário, o número crescente de fiéis a cada ano nas missas. Durante a festa ocorrem nove noites de novena e as missas dos romeiros, na manhã do dia 16 de outubro e a procissão de São Geraldo juntamente com missa de encerramento na tarde desse mesmo dia. De acordo com o costume e as promessas, durante o novenário a maioria dos devotos usa vestes na cor preta e praticamente em todas as famílias locais um dos filhos ou filhas foi batizado em homenagem ao santo com o nome de Geraldo ou Geralda, em maior número os nascidos entre as décadas de 50 e 60 do século passado.

O LOCAL E OS RECURSOS PARA ACOMODAR A IMAGEM DO SANTO E TORNA-LO TEMPLO DE ORAÇÕES (A CONSTRUÇÃO DA IGREJA)

Retornando aos relatos de Duarte, seguia o acompanhamento ao santo em uma quinta-feira, dia de Nossa Senhora das Candeias, no mês de fevereiro. A data escolhida é simbólica, não é um dia qualquer, é um dia do calendário católico em que, segundo o costume, as 18 horas em todas as casas deve-se acender uma vela na porta ou na janela. Mas as velas para São Geraldo quando chegasse ao Poço, onde seriam acessas? Afinal toda procissão acaba em reunião para rezar pelo menos um terço e festejar a chegada da imagem do santo. Cartaxo (1975, p.201) nos indica uma possibilidade, pois naquele “ano foi construída a primeira Capela na vila, pelo pedreiro José Lourenço”.

De acordo com os autores que trabalharam o tema, após desenvolver as práticas de rezador, benzedor e conselheiro que descrevemos no capítulo anterior, Zé de Moura seguia o que foi orientado pelo rapaz que lhe deu o líquido curativo, não cobrava pelo atendimento, porém quando havia insistência em deixar algum agrado dizia ao doador que colocasse sua oferta no “Cofre de São Geraldo”, um baú localizado no interior da pequena igreja. Realizava doações aos necessitados, principalmente a romeiros que chegavam ao Poço e não tinham onde se hospedar ou como se alimentarem. Com as doações que recebia dos romeiros que insistiam em deixar contribuições era mantida a igreja. Fugiu da seca de 1932 como outros moradores do Poço temendo os cangaceiros. (CARTAXO, 1975, p. 204). Voltou quando a chuva caiu de novo no sertão, e ao passo que a população local crescia e as rezas de Zé de Moura ganhavam destaque na região a capela ficou pequena para o povoado.

Durante as festividades de São Geraldo de Majella se dava a principal época para celebrar a devoção ao santo e angariar recursos para a manutenção da igreja. Construída com a simplicidade do local e os poucos recursos disponíveis passou a ser necessária uma igreja maior e esta foi construída com o dinheiro dos romeiros de Zé de Moura e de São Geraldo, pela contribuição das pessoas da zona rural e das cidades próximas. De acordo a historiografia local, baseada em Cartaxo (1975. p. 202), em 1936 no ponto mais alto do sítio,

[...] 8 anos depois (da construção da primeira capela) foi escolhido outro local, para a construção de nova Capela, pelo pedreiro Ageu Silva, que hoje acha-se bastante modificada pelo construtor José Moisés da Silva (Mestre Moisés), graças ao esforço e abnegado

trabalho do **seu fundador**²⁰ José Alves de Moura, que muito contribuiu para o engrandecimento desta florescente vila.

Aqui percebemos um novo reforço a santidade de Zé de Moura, mais uma vez é colocado como protagonista de toda a história do Poço e aparece a primeira menção a ele como fundador. As interpretações a essa atribuição serão discutidas posteriormente. Por hora problematizaremos como foi construída a igreja de São Geraldo de Majella, considerada em 1988 foi pelo jornal retrospectiva como uma das mais belas do sertão, apenas com os recursos de romeiros? A resposta não é tão simples. Havia o dinheiro e os presentes recebidos destinados ao cofre de São Geraldo e a Zé de Moura por esses agentes históricos, mas quando estes não eram suficientes para materializar as necessidades da obra, o rezador saía em procissão com andores e banda cabaçal pelo Poço, fazendas e sítios próximos na busca por doações, com a finalidade de edificar o templo do Poço e outros tempos e cruzeiros em sítios vizinhos, como frisou (CARTAXO, 1975. p. 202).

Sobre a Cabaçal falaremos melhor adiante, mas ela esteve presente no Poço desde o início dos anos vinte acompanhando procissões e o reisado e foi importante na busca por recursos para a construção desses espaços sagrados. Nos momentos de dificuldade em que era necessário mais material de construção do que o número doações disponíveis, seguiam para os sítios e cidades vizinhas um grupo de amigos da confiança do rezador, munidos de instrumentos musicais e andores para passarem em todas as casas pedindo contribuições para reforma da igreja, e sempre que possível ele os acompanhava. Como o próprio Duarte coloca, a banda estava presente no episódio narrado. Cartaxo escreve sobre essa contribuição e a historiografia local a reforça.

[...] gostava de sair pelas fazendas e casas de amigos conduzindo em andor de São José, ou outro santo qualquer, acompanhado pelo pífano, caixa e zabumba (Cabaçal), a pedir esmolas para o soerguimento de suas Capelas fazia parte sinceramente na irmandade da terra Santa (Palestina), gostava de mostrar sinais e esforços a bem da religião, edificando Capelas e cruzeiros em certos pontos deste município, como seja: aqui mesmo na vila a Capelinha de Padre Cícero, edificou outra na povoação da Bandarra, outra no sítio “Olho D’água” (Panta) e um cruzeiro no lugar “Bronzeado”. [...] E um cruzeiro no Alto do Sobradinho. (MATIAS, 1988)

²⁰ Grifos nossos.

Porém, do final de agosto até outubro os pedidos se davam em nome da Festa de São Geraldo em que se buscavam prendas para o Leilão do padroeiro.

Após a bênção da Pedra Fundamental da igreja teve início a construção da segunda capela, atualmente matriz da paróquia. No ano de 1937 teve início a construção da nova igreja. A construção foi realizada lentamente, a medida que havia dinheiro e um ano de bom inverno era implementada uma reforma. Levaram dez anos e muitas melhorias para finalizarem a torre principal em 1947, este ano está gravado na torre da Igreja como forma de marcar o término da obra. O templo passou por várias reformas, seu interior apresenta vários materiais diferentes, especialmente no piso e nos enfeites. Reflexo da alternância de vários mestres (pedreiro responsáveis pela construção).

De acordo com Abreu (2013, p. 06), foi com o resultado destas ofertas que foi possível concluir a construção da torre da Igreja de São Geraldo de Majella no ano de 1947, e continuar realizando reformas e modificações ao longo dos anos até a década de 1960, como veremos a seguir.

Nas fotografias apresentadas podemos ver a parte externa da igreja em duas épocas diferentes



Figura 1: Igreja de São Geraldo de Majella e romeiros na década de 1940. Arquivo: Facebook de Vanduí Vieira

Na primeira²¹ aparece um dos primeiros registros da igreja construída a partir de 1937. A fotografia é da década de 1940, sem precisão do ano que foi tirada. No verso havia apenas: “década de 50”. Nela vemos: a lateral e a frente da igreja feitas de

²¹ Fotografia pertence a Gilmar Alves, foi digitalizada pelo trabalho de pesquisa de José Vandervan para composição de acervo e está nos arquivos do Memorial Zé de Moura. Foi retirada do Facebook de Vanduí Vieira em abril de 2015. Fotografo desconhecido.

alvenaria e rebocadas sem enfeites ou detalhes, a lateral coberta com telhas e a torre da igreja contendo alguns contornos em alto relevo, o relógio instalado nos 4 lados e no topo uma réplica pequena do Cristo Redentor. Ao lado da igreja um caminhão pau-de-arara e um grupo de romeiros espalhados ao lado e a sua frente. A frente o que parece um poste de madeira. Ao fundo algumas casas do sítio que na época também era chamado de vila de Poço por sua aparência e número de imóveis.

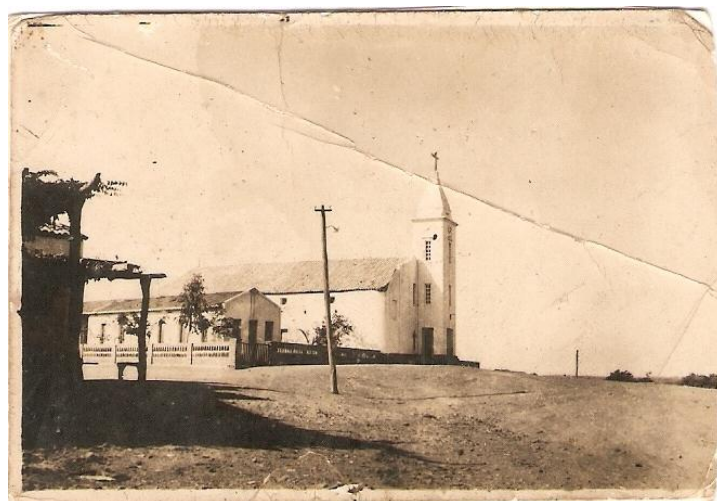


Figura 2: Vista da Igreja de São Geraldo de Majella na década de 1940. Arquivo Pocicultura 2011.

Na segunda²² fotografia, tirada do mesmo dia, o autor retratou a igreja de um plano mais aberto, em um ângulo parecido com o anterior onde é possível vê-la em panorâmica junto com seu entorno. A igreja possui as mesmas características descritas anteriormente. e o entorno compreende: em frente à igreja o que parece um poste de madeira; ao lado um prédio que, segundo a explicação do diretor do museu era a farmácia onde Duarte trabalhou. A lateral da igreja e o entorno dos dois imóveis são cercados por uma mureta de alvenaria e um portão, ambos com detalhes vazados, dentro da mureta vemos algumas plantas; o alto da igreja aparece sem pavimentação, há um poste de madeira com um equipamento de iluminação pública e uma casa onde na frente e na lateral foi feita uma estrutura de madeira coberta com palha, conhecida por



²² Fotografia per composição de a

José Vandervan para onhecido.

latada, abrigando dois bancos de madeira.

Figura 3: Chegada da procissão de São Geraldo de Majella em 16 de outubro de 1978. Arquivo pessoal.

Na terceira²³ imagem aparece a procissão de São Geraldo de Majella do ano de 1978²⁴. Nela vemos a igreja de um plano aberto, em um ângulo oposto as fotografias anteriores, onde é possível vê-la em panorâmica junto com seu entorno. A fotografia apresenta a chegada da procissão, com um número significativo de devotos, chegando a igreja na festa de 16 de outubro de 1978, data escrita em caneta preta na parte inferior da foto. Podemos perceber que a igreja passou por inúmeras modificações. Deste ângulo vemos a lateral direita, a parte externa da nave direita da do templo, portas, janelas e vitrais instaladas em todos os lados e na frente, todos contornados com detalhes em alto relevo, atrás a esquerda percebemos a torre da cúpula (uma das últimas modificações da década de 1960) com uma antena próxima a ela.

A frente vemos três torres, a torre principal com as mesmas características apresentadas, e algumas mudanças: o Cristo Redentor que foi retirado do seu topo, onde foi instalada uma cruz no lugar, próximo a colocado um para-raio e percebemos a existência de um alto falante que pertencia ao serviço de som da igreja, denominado Difusora São Geraldo. As torres laterais são novidade também, menores do que a principal em seu topo também existem cruzeiros; além das janelas e vitrais, na parte

²³ Fotografia pertence a Luiza Moura, foi digitalizada pelo trabalho de pesquisa de José Vandervan para composição de acervo e está nos arquivos do Memorial Zé de Moura. Fotografia Totô.

²⁴ A igreja passou por modificações estruturais até 1966. Após esse período foram apenas reformas de manutenção. Para ilustrar as mudanças Procuramos fotografias do período em que José de Moura viveu porém tivemos dificuldades mesmo contando com a colaboração do Memorial Zé de Moura. A fotografia mais próxima a esse período é de 1978.

superior cada uma tem uma janela de vidro com uma imagem de santos no interior, à esquerda São Geraldo de Majella e a direita São Judas Tadeu. A frente da igreja há um cercado por uma mureta onde vemos uma grade de ferros pontiagudos sobre uma base alvenaria (servia evitar que animais soltos entrassem na igreja) para mastro da bandeira do padroeiro enfeitado com um cruzeiro que tem no topo um galo que aponta os pontos cardeais, do lado esquerdo vemos o prédio onde funcionou a farmácia e uma árvore ao lado. Na parte externa da igreja podemos visualizar ao lado direito a gruta de Nossa Senhora de Lourdes onde ficam depositados os ex-voto que simbolizam o pagamento de promessas aos santos.

As fotografias foram apresentadas para ilustrar as modificações pelas quais o templo passou ao longo dos anos, bem como a relação das pessoas com ela, com o rezador e com o santo. A história local, por sua vez, quando relata sobre a construção da igreja sempre atribui ao beato esse papel de herói, de responsável pela construção, pagamento, ordens de sair em busca de recursos. Como se a população do Poço só participasse dessa construção do marco da religiosidade da vila na hora de pedir doações em outras vilas, mas ela acompanhou a construção e as mudanças bem como teve participação efetiva fosse trabalhando na obra, no caso dos homens, ou contribuindo com ofertas, indo a busca delas e acompanhando os sacramentos e celebrações que ocorriam no templo.

Atualmente a igreja tem um significado importante para a cidade, pois representa uma das imagens mais fortes desse lugar, ela é um símbolo de beleza, religiosidade, simplicidade, identificação. Para além da religião, o patrimônio material, o prédio tem um caráter que representa a cidade. Como se fosse a primeira lembrança da paisagem da cidade que vem a mente da maioria da população quando pensam em Poço de José de Moura.

Porém, as modificações em potencial pelas quais passam as igrejas ao longo das gestões dos sacerdotes é uma preocupação local. Desde a época de Zé de Moura todos os sacerdotes que passaram por ela foram responsáveis por ações de manutenção de pintura, reparos do desgaste natural, sem promover mudanças estruturais na igreja. Ela ainda conserva os traços deixados por ele. Sobre isso houve e ainda há um acordo tácito entre os sacerdotes que por ela passaram e a população para que ela não sofra alterações semelhantes as que ocorreram como de outras cidades, como Triunfo onde o do altar,

semelhante ao do Poço, foi destruído e Marizópolis onde a igreja foi derrubada para construção de uma nova, em todas as obras houve a iniciativa dos padres que ficaram responsáveis pela comunidade católica. As construções que ocorreram no entorno da igreja do Poço foram na parte externa com a construção de escadarias, um espaço de convivência, a casinha da televisão, etc e estas sim foram modificadas a cada novo sacerdote queria deixar sua marca na comunidade.

A RELAÇÃO DA IGREJA COM AS EXPRESSÕES RELIGIOSAS DE ZÉ DE MOURA

Atualmente a Paróquia de São Geraldo de Majella tem como administrador paroquial o padre Francisco Cesar Pamplona Pinheiro. Ele está na paróquia desde sua fundação. Além do sacerdócio é um importante colaborador com o POCICULTURA, criado em 2006 para homenagear os 40 anos de morte de Zé de Moura, solicitar a construção do museu e que é realizado anualmente desde 2006. Ou seja, hoje há uma relação de respeito entre a Igreja Católica e a memória do rezador Zé de Moura. E é possível perceber as ressignificações que a própria Igreja Católica dá a sua imagem.

Mas nem sempre a relação Igreja/Zé de Moura foi assim. Entre o acompanhamento da imagem do santo, narrado por Duarte e a primeira festa do padroeiro trazido em 1928 se passaram oito meses. Como foi dito anteriormente era necessária a construção de uma capela para abrigar a imagem e os devotos e dos sacerdotes para celebrarem os sacramentos no templo, pois percebemos no relato de Duarte, que não havia padres na procissão.

O principal desafio, para conseguir a permissão da Igreja e um padre para celebrar no local era também sua principal força: relação com a devoção ao santo e a construção da igreja terem partido de Zé de Moura. Uma coisa era permitir que ele saísse rezando terços e novenas, outra era apoiar a devoção a um santo e aceitar o templo construído por ele, por outro ele era já tinha influência sobre a população local e era conhecido pelos atos religiosos e agora caracterizava-se como rezador. Sua relação com Padre Sá andava distanciada, possivelmente pelo trabalho de rezador e liderança local que vinha assumindo. De acordo com Abreu (2007, p.7) o Pe. Sá era o pároco principal de São João do Rio do Peixe e dificultou as coisas para o rezador.

Ainda de acordo com Abreu (2007, p.7) foi através da nomeação de Padre Manoel Jácome, carinhosamente conhecido na localidade por Pe. Jaca, empossado

como vigário da paróquia de Nossa Senhora do Rosário (2007, p.7), em São João do Rio do Peixe no ano de 1928 que a igreja de São Geraldo começou a ter celebrações de um sacerdote. As missas na igreja do Poço eram realizadas esporadicamente pelo vigário. Através dele foi possível realizar a primeira festa do padroeiro. As informações que aparecem na historiografia local sobre Padre Manoel Jacome são restritas ao artigo escrito para a revista *Diocese em Notícias*, da Diocese de Cajazeiras por Abreu em 2007. Intitulado “Capela de São Geraldo”, além da propaganda da festa do padroeiro daquele ano trás uma abordagem de sua história.

O artigo é uma das poucas fontes que aborda a relação entre a Igreja e rezador. Ele reforça o lugar sagrado de Zé de Moura, justifica suas ações e fala de intolerância religiosa, principalmente por parte do Padre Sá.

A relação entre a Igreja e Zé de Moura se deu pela alternância entre os momentos de tensão e alívio. Uma das principais complicações para isso era o trabalho de rezador de Zé de Moura entendidos pela hierarquia católica sob suspeita de a feitiçaria. Essas práticas religiosas de cura foram descritas pelos autores que escreveram sobre o Poço como místicas. Esse adjetivo consolidou à imagem de Zé de Moura e ganhou ressignificações até os dias atuais.

REAÇÕES DA IGREJA: COMPLICAÇÕES POR CAUSA DO MISTICISMO X ACEITAÇÃO GRADUAL E AS OFERTAS

As representações de cura usando elementos do catolicismo sempre foram motivo de atenção da Igreja Católica. Num país cheio de influências culturais diversas essa atenção era redobrada pelo temor a distorções definidas como pecadoras. De acordo com as reflexões e leituras de Santos (2007, p. 143) sobre a postura do clero diante dessas práticas Minayo (1994, p.64) mostra que, mesmo a igreja oficial não aceitando suas práticas, “ela trata com uma atitude de respeito, de prudência, de receio, na tentativa de capitalizar o fenômeno para evangelizar”. Ou seja, hoje é possível essa convivência mais harmônica entre os rezadores/rezadeiras e a igreja oficial, os conflitos são evitados desde que não hajam práticas que violem a aceitação da comunidade.

Na época vivida por Zé de Moura havia um conservadorismo maior da hierarquia católica, havia o medo dos fenômenos que foram Canudos e Contestado, Juazeiro do Norte ainda vivia sob a influência da figura de Padre Cícero, o Caldeirão

também passou pela influência de um líder, por isso, as práticas do catolicismo de Zé de Moura relacionadas a cura eram vistas com atenção. Além do mais pelo fato das descrições de seus métodos serem vistas por alguns como uma religiosidade que beira o sobrenatural. Entretanto, enquanto suas práticas de cura eram vigiadas, o catolicismo apresentado por ele a serviço da Igreja era respeitado. Havia a interação entre paróquia e a comunidade rural através das festas e realização de sacramentos em espaços organizados por ele ou seus companheiros de trabalho.

Sobre a apropriação da religiosidade expressa pela comunidade católica do Poço a partir de 1928 vemos uma explicação de acordo com a leitura de Theotônio (2010, p.97). Após o afirmar sobre a importância dos estudos desenvolvidos por Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre religiosidade brasileira e sua influência para outros autores que se dedicaram ao tema, ela relata sobre o conceito de “catolicismo rústico” e percebemos como ele se aproxima da realidade Pocense.

[...] pode ser definido com um catolicismo próprio de comunidades rurais marcadas por um forte senso comunitário, onde a devoção ao santo padroeiro local seria o centro da comunidade católica. O foco dessa definição é a idéia do catolicismo popular centrado em práticas religiosas privadas, ligando o indivíduo ao seu santo de devoção, tanto em relação aos santos reconhecidos pela Igreja Católica, como os não-canônicos que, mesmo sem o aval da Igreja, são cultuados pelos fiéis. (THEOTONIO, 2010, p.97)

Mesmo com essa definição precisamos considerar que apesar de estar localizado em uma comunidade rural, o Poço era assistido pelo padre Manoel Jácome da Paróquia de São João do Rio do Peixe; o santo católico tido como o padroeiro era um santo oficial reconhecido pela Igreja e por fim que havia o receio de que Zé de Moura fosse cultuado pelos romeiros que buscavam suas rezas.

De acordo com a historiografia local não há registros da relação direta de José de Moura com a Diocese de Cajazeiras nos seus primeiros anos de atuação. Ela se pautou na relação de Zé de Moura com os Padres da Paróquia localizada em São João do Rio do Peixe, Padre Sá e Padre Jácome. A relação entre o Poço e a Diocese começou a se dar de forma paulatina ao longo dos anos. De acordo com Abreu (2007, p.07) Zé de Moura, porém, contou com o apoio de Pe. Manoel Jácome para a tolerância a suas ações religiosas e aceitação das doações que o beato passou a fazer para à Diocese de Cajazeiras, a partir dos anos de 1950. Outro momento dessa relação é apresentado por

Matias (1988) ao relatar sobre a participação do Grupo de Reisado Zé de Moura, convidado para participar das comemorações do centenário de Padre Rolim em 1964.

A relação entre Padre Jácome e Zé de Moura teve início juntamente com sua posse como padre da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, De acordo com Abreu (2007, p.07)

Este sacerdote diante de sua longa caminhada na paróquia, confirmou que em Zé de Moura, existia um dom que não provinha de artes diabólicas, mas da divindade, que tanto ele deixava transparecer em sua residência, como em seus atos de fé.

Além da defesa impetrada por padre Jácome a Zé de Moura, o autor coloca que sua participação “confirmou” a inocência de Zé de Moura diante das acusações de que seu dom vinha de artes diabólicas, ou seja, o autor faz uma defesa do rezador e de suas práticas religiosas. Como afirmamos anteriormente, as práticas de cura tinham especificidades, pois, o próprio relato de Duarte nos aponta isso com sua admiração ao fato de nenhum dos presentes terem se molhado no cortejo religioso. Outro fato importante é que ele associa seu nome ao do santo, pois “transferia para S. Geraldo, tudo o que de bom ou de mal fazia.” (CARTAXO, 1975, p. 204). É-nos transmitido que o entendimento de sua religiosidade sob a caracterização de misticismo complica sua vida e tem consequências nela e na formulação de sua imagem de fundador e rezador após a morte.

Durante muito tempo as práticas de cura de Zé de Moura foram aceitas por uma parcela importante da população sertaneja por ele representar esperança, alento, conforto, mas a medida que a procura por suas rezas aumentavam, as desconfianças e desqualificações de sua pessoa e seus métodos também eram potencializadas. Como foi relatado 1975 no livro Estrada das Boiadas “[...] pessoas inescrupulosas, o criticavam, chamando de feiticeiro, bruxo, santo, etc.[...]” (CARTAXO, 1975. p. 203). Em sua biografia a autora não só reforça o relato anterior como defende o rezador e ataca a Igreja

[...] Começou a ser criticado pelas autoridades eclesiásticas e pessoas inescrupulosas, que o chamavam de curandeiro, bruxo, catimbozeiro e uma série de codnomes desagradáveis e injustos. Mesmo assim, ele não desistiu de continuar com sua vida de orações e cura, suportando com muita resignação, toda sorte de difamação. (MATIAS, 1988)

Os autores o apresentam sob a perspectiva do homem divino, o escolhido. Foi assim com Abreu, Silva Sobrinho, Sá Júnior. O contraditório nisso tudo é que em alguns

momentos os próprios autores parecem confusos ao classificar o beato rezador. Como neste relato de Cartaxo (1975, p. 204-206) “[...] O místico. O feiticeiro. O adivinho, o santo. Tudo era batismo de fogo provado com “fatos e fatos”. [...] Como eu muitos acreditem. Acreditam até hoje”. A autora demonstra sua crença pessoal e transmite ao leitor e aos escritores que usaram seu texto como fonte, as formas ambíguas com as quais os atos dele, seu ambiente de orações, suas rezas e conselhos ganharam significado para ela e seus consulentes e como se construiu a imagem de Zé de Moura como místico.

Mas em que fundamentavam as características de misticismo do rezador? Para entender isso recorreremos mais uma vez a visão sagrada que lhe deu o dom da cura e aspectos como a sensação narrada por Cartaxo (1975, p. 204) para se referir ao ambiente da reza. Segundo ela “Sua conversa mansa, defumada pelo cachimbo criava ao seu redor uma mística. Ninguém duvidava das suas recomendações”. De acordo com a autora, os visitantes de Zé de Moura eram de diversos segmentos sociais, profissões, idades, lugares e tinham em comum a fé no apontamento de um caminho, solução, conselho, remédio ou prece. E todo o processo desde a acolhida até o momento da consulta era envolvido por uma atmosfera de religiosidade, obediência que favorecia e atraía o fascínio e a fé de quem o visitava, ele agia como se adivinhasse os problemas antes da pessoa falar o que sentia.

Nos relatos escritos sobre a história do Poço e a biografia de Zé de Moura cada autor se refere a Zé de Moura reforçando essa imagem de místico que lhe foi criada. De alguém além do entendimento de quem viveu a época ou apenas ouviu falar do homem transformado em herói, transformado em mito.

Não bastasse sua experiência, sua religiosidade, o sincretismo religioso do qual fez parte colaboravam com suas práticas de cura e entendimento e auxílio “na tarefa a ele confiada”, (MATIAS, 1988. p. 01) ele adquiria livros dos mais diversos assuntos. Todos os livros citados foram adquiridos por correspondência e hoje não se tem notícias de nenhum exemplar disponível a consulta.

[...]Estando voltado só para a vida religiosa, começou a comprar por correspondências, livros de orações, como: Ritual de Magia Divina, onde tinha coleção de Preces Ocultas, preocupadas naquela época, de acordo com os mais recentes progressos da Psicologia – direitos reservados a empresa Editora “O Pensamento”. São Paulo - 5ª Edição – Ano 1940. Um outro livro foi Cruz da Caravaca de Orações Misteriosas de grandes Virtudes e Eficácia, para toda classe de

enfermidades. Raríssimos segredos para todos os males da humanidade, da Editora Pensamento – São Paulo – 26ª Edição – Ano 1940. Deus. (MATIAS, 1988. p. 01)

Ilustramos essa lista de livros para apresentar um exemplo dessa crença no poder místico de Zé de Moura através da experiência de um pesquisador do tema. Durante a formulação do artigo: “Sobre a construção da memória de José de Moura: Um estudo etnográfico” assinado pelo filho natural do Poço de José de Moura, Sá Júnior, no ano de 2007. O autor teve contato com dos livros e o descreve: “O Livro da Bruxa, dividido em duas partes, uma de orações e outra que continha encantamentos, manual de feitiçaria, a oração de São Cipriano e um calendário com os dias propícios para a realização dos mesmos.” (SÁ JÚNIOR, 2007. p. 139). De acordo com o próprio autor o último exemplar da coleção de Zé de Moura ficou sob a responsabilidade de um de seus assistentes que o guardou por muitos anos. O guardião é o autor dos relatos memorialísticos usados nesse trabalho, Adonias Manoel Duarte (Nau). Ele disponibilizou o livro para pesquisa acadêmica do autor do artigo, no ano de 2006 e este inexplicavelmente sumiu... segue o relato do pesquisador.

Este livro foi me cedido pelo senhor Nau, um dos ajudantes de Zé de Moura, para me auxiliar nas pesquisas, e curiosamente desapareceu. Ao falar sobre o caso do desaparecimento na tentativa de propiciar o achado, as pessoas da localidade me falaram de encantamento, na visão delas o mesmo teria “se encantado” uma vez que não seria bom ter um livro desses em casa. (SÁ JÚNIOR, 2007. p.139)

Esse tipo de literatura popular representa uma cosmogonia da época, cada símbolo, data, peça do ritual de preparação dos chás tinham um significado da forma para os homens e mulheres da época entendia o sagrado. Nosso exemplo demonstra como está presente no imaginário social e cultural do Poço esse tipo de cultura, de crenças, de credices que tiveram início desde os anos de 1930 e ainda estão presentes no imaginário popular no ano de 2006. Podemos perceber a noção de circularidade cultural na sua forma mais pura, a convivência do ajudante de Zé de Moura com o jovem no processo de pesquisa para construir um apêndice de sua tese de doutorado trocando experiências e compartilhando um livro cheio de significados. Ao fim a experiência narrada com tons de mistério sobre o desaparecimento do livro e a descrição deste evento no próprio artigo apontam a sobrevivência da crença independente de formação religiosa ou acadêmica.

Diante disso, autor classifica a religiosidade de Zé de Moura como uma religiosidade constituída por “uma mistura sincrética de diversas crenças” (SÁ JÚNIOR, 2007,p.141). E entre os que escrevem sobre o Poço é o único que atribui um parecer sobre os clássicos relatos de Cartaxo e Matias.

Na visão de Cartaxo (1975), Zé de Moura foi um fenômeno raro e sem igual que constituiu uma cidade. Na memória biográfica de Matias (1988) ele foi o homem de vida degenerada que se torna santo e mártir das perseguições, o bondoso homem das doações. A respeito da memória coletiva, numa visão particular, mas não excludente das demais, creio que Zé de Moura pode ser definido como um homem que instituiu modos de pensar e práticas cotidianas as relações a partir de uma sabedoria de memórias arcaicas, pois trazia consigo a lembrança de curas, pajelanças, rituais de magia negra e feitiçaria. (SÁ JÚNIOR, 2007,p.141).

Com essa visão o autor afirma sobre o conhecimento desse rezador como parte de suas memórias. Memórias essas constituídas da sua herança cultural, da sua iniciação na prática da reza, das expressões religiosas que desenvolveu ao longo dos anos como formadora da própria identidade do que se tornou a cidade muitos anos após sua morte. É importante destacar que o autor deixa de perceber a relação que o rezador tinha com o santo e que o sincretismo religioso descrito por ele perpassa a sociedade da época. Zé de Moura é representante de expressões religiosas sincréticas, mas estas também fazem parte do cotidiano dos que o procuravam para serem rezados, benzidos, curados e aconselhados.

Concluimos assim que, as relações entre o rezador e a Igreja criam uma imagem pública e histórica do Zé de Moura. A historiografia trabalha este encontro e inserção do pagão com o sagrado na própria Igreja sempre colocando Zé de Moura como vítima de perseguições, principalmente por parte do Padre Sá. Os significados atribuídos a suas rezas, seu quarto de orações, seus métodos, as receitas que indica, e são escritas por seus auxiliares, são qualificados pelos autores como portadoras de uma áurea “mística”. Essa imagem está presente em Duarte, é publicada inicialmente por Cartaxo, passa por Matias e ganha força com outros autores.

ACEITAÇÃO GRADUAL E AS OFERTAS

Com a participação de Padre Jácome aos poucos a Igreja foi aceitando a presença de Zé de Moura e suas doações. Desde 1928 havia no Poço a capela de São Geraldo em uma construção rústica numa das poucas ruas do povoado. Como dissemos

anteriormente em 1937 foi erguida uma nova igreja no ponto mais alto e central do povoado. De acordo com Abreu (2007, p. 07), esta capela foi aceita em 1937 como parte do patrimônio Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em São João do Rio do Peixe.

As doações a Igreja foram intensificadas a partir dos anos de 1940, após o fim das perseguições impetradas por Padre Sá a Zé de Moura, as quais trataremos a seguir. A partir do fim do problema entre os dois, o rezador sentir segurança para seguir com seu trabalho o número de romeiros passou a ser cada vez maior. De acordo com Cartaxo e Matias circulavam cada vez mais visitantes no Poço em busca de rezas e com isso mais ofertas para o cofre. De acordo com Cartaxo (1975, p. 206) “Na capela o baú da pregaria recebia ajuda dos beneficiados [romeiros]. Toda semana era esgotado. A fama crescia.” Já no fim da década de 1940 o movimento no Poço dobrou e o local passou a ser relatado e conhecido não mais pela denominação de sítio, as pessoas passaram a falar dele como “a vila do Poço”, esse grande número de visitantes, romeiros e turistas religiosos durou até a morte do rezador em 1966.

Zé de Moura e a Igreja Católica, em especial a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário mantiveram ao longo dos anos uma relação delicada, pois mesmo sem retaliações diretas semelhantes as da década de 1940, suas ações eram vigiadas pelos clérigos, romeiros e o por alguns moradores do Poço que não concordavam com suas práticas religiosas. Isso levava Zé de Moura a tomar atitudes de cautela entre seus conterrâneos e doações para a Igreja Católica.

Ao longo de mais de 30 anos após o início das festividades de São Geraldo e das práticas de rezador ele ainda revertia doações de alguns recursos que haviam sido doados pelos romeiros ao patrimônio de São Geraldo para a Igreja Católica. Assim intercalava as doações para a diocese e obras de caridade com ações de ampliação, modificação e reformas da Igreja de São Geraldo e a construção de capelas e cruzeiros nos arredores do Poço.

Sobre as doações e obras de caridade, Cartaxo (1975, p. 205) e Fonseca (1988) nos relatam em seus textos Cartaxo, foi uma estratégia inteligente para conquistar confiança, espaço e tranquilidade para desenvolver seu trabalho no Poço e região, pois quando “A igreja condenava-o e ele inteligente começou a doar recursos para seminários, conventos e diocese. A igreja foi aceitando [...] Ele era simples

semianalfabeto, mas inteligente. Pôz a cabeça para funcionar”. (CARTAXO, 1975. p.204). Nessa mesma linha de pensamento, porém com uma defesa mais finalista, Fonseca (1988) apresenta a resignação do rezador e a comprovação de que seus atos eram com as melhores intenções. A autora está sempre tentando desvincular Zé de Moura do paganismo e lidá-lo como um santo

Mesmo assim, ele não desistiu de continuar com sua vida de orações e cura, suportando com muita resignação, toda sorte de difamação. No decorrer dos anos, pela sua vida de sacrifício, oração e doação de donativos as casas de caridade, aos conventos de Fortaleza e Recife, a terra santa (Palestina), a Padre Zé Coutinho em João Pessoa, etc, ficou comprovado que não se tratava de um feiticeiro e passou a ser aceito pelos membros da Igreja Católica. (MATIAS, 1988)

Porém é importante problematizar essas colocações pois, diferente de ser apenas uma estratégia meticulosa, a aproximação com a igreja por meio de esmolas faz parte do próprio ciclo cultural entre a população e o sagrado.

Sá Junior (2007, p.141) segue a afirmação das autoras e conclui que “José de Moura passou a ser aceito, porque comprou sua liberdade com as doações que fazia para a Igreja. A sua fé e sua prática deveriam ser repensadas para que pudesse ser realmente livre. Foi vítima da discriminação e controle social.” Aqui temos uma versão muito importante para entender a vitimização de Zé de Moura. sua aceitação. e sua consagração como líder curandeiro comunitário.

Com isso concluímos que paralelo aos benefícios oferecidos a Igreja Católica, algumas mudanças nas práticas religiosas dele foram fundamentais para que fosse aceito e seu trabalho durasse tanto tempo sem colocar em risco sua liberdade e sua vida. Suas mudanças de comportamentos, ações religiosas, curas, conselhos, atividades culturais e relacionamentos com a política tiveram efeitos diretos nas vidas de muitas pessoas do Poço.

Para entendermos melhor essas mudanças, aceitação e os riscos que Zé de Moura enfrentou é importante apresentar sua relação complexa com Padre Sá. Entender como ele vai de guardião de Zé de Moura a autor de perseguições e intolerância ao rezador. Pois sabemos que após o período de avaliação a igreja passou a até ser aceita como patrimônio da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em São João do Rio do Peixe, mas o Padre Sá jamais celebrou nenhum sacramento no templo (ABREU, 2007, p. 07) e isso foi em virtude de questões principalmente relacionadas ao beato Zé de Moura.

PADRE SÁ E A DESAVENÇA COM A FAMÍLIA MOURA.

Durante esse capítulo falamos várias vezes sobre a relação complexa entre Padre Sá e Zé de Moura. Padre Joaquim Cirilo de Sá, como já foi dito, desempenhou um papel importante na vida de Zé de Moura após a morte de sua mãe, quando ele tinha apenas 10 anos de idade. O padre apadrinhou Zé de Moura e por muitos anos cuidou dele, algumas vezes a distância, deixando pessoas no Poço responsáveis por observar Zé de Moura, ver se ele passava necessidade, se a madrasta o maltratava. O padre também cuidava da formação católica dele na adolescência, ensinou orações, aconselhou e o viu crescer. Tudo mudou após Zé de Moura se distanciar em virtude dos vícios que Zé de Moura adquiriu e se tornar rezador. Piorou após a construção da primeira igreja e depois da igreja iniciada em 1937.

O sacerdote tinha muitas reservas quanto às práticas de cura de Zé de Moura e não aceitava de bom grado seus atos de fé a frente das festas de São Geraldo, muito menos a construção da capela.

Tudo ficou pior a partir de 1936 quando foi escolhido o local de construção da nova igreja do Poço, nessa época o número de romeiros em busca das orações de Zé de Moura e dos milagres intercedidos por São Geraldo haviam aumentado consideravelmente. Essa escolha, possivelmente deu início a conflitos envolvendo José de Moura (líder local), a família Moura e Pe. Sá (chefe da igreja e político influente do município de Antenor Navarro). Esse conflito trouxe representou um grande problema para toda a família Moura. A amizade e cuidado que Pe. Sá prestou a Zé de Moura após o falecimento de sua mãe se perdeu ao longo dos anos, o que restou ao mestre, o aprendiz e sua família foi um conflito de terras.

Segundo Cartaxo, (1975, p. 204) o ano de 1937 ainda não havia acabado quando piorou esse conflito entre Pe. Sá e a família Moura. A construção do templo, a aceitação do Patrimônio de São Geraldo pela Igreja Católica, o aumento gradual do número de romeiros em busca de São Geraldo e Zé de Moura e sua crescente influência na região interior da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte provavelmente levaram o padre requisitar legalmente a posse das terras onde estava localizado o Poço, cuja família residia. As duas partes começaram a defender a posse das terras. De acordo com Cartaxo (1975, p. 202), a origem do povoado do Poço se deu por volta de 1825 quando o vaqueiro, Gonçalo de Moura, que procurava água para o rebanho e encontrou em meio

a mata seca uma fonte de água para o gado, fixou residência, trouxe a família e esta em relação com outras famílias que viviam nos sítios e fazendas do entorno deram origem ao povoado e a família Moura.

Esse poço também foi descrito pela historiografia com características místicas, pois durante as secas resistia provendo água para abastecimento da população. A família Moura com Gonçalo de Moura foi escolhida e transformada pelos historiadores na família fundadora, a salvação para o gado de sua patroa, Tomásia de Aquino, para a família do vaqueiro e para todos aqueles que se mudaram para o Poço no século XIX e nele moravam no século XX. Com Zé de Moura a salvação se dava de outra forma, através dos alívios das doenças do corpo e do espírito, com o patrimônio que começava a se edificar e isso ameaçava a autoridade do Padre Sá que já começava a perder a vitalidade e o espaço social e político por causa de sua idade.

Um dos momentos mais tensos da história do Poço na época de Zé de Moura foi sua prisão no ano de 1937. De acordo com todos os historiadores e diletantes que se ocupam da biografia de Zé de Moura e iniciados com Cartaxo (1975, p. 205) como parte do conflito envolvendo a posse das terras, o padre proferiu uma denúncia contra Zé de Moura as autoridades da Saúde Pública. Padre Sá alegou que o rezador estava explorando a medicina sem qualificação, classificando-o de charlatão. Sob diversas acusações, aos 50 anos de idade, Zé de Moura foi detido e passou os meses de janeiro e fevereiro de 1938 aprisionado.

A prisão se deu por questões pessoais e de intolerância entre o beato e autoridade eclesiástica do Município de Antenor Navarro, o Padre Sá. Suas práticas religiosas que já vinham sendo observadas pelas autoridades eclesiásticas e políticas do sertão paraibano. Havia o medo de que o movimento religioso que acontecia no Poço ganhasse materialidade e sentidos políticos que o Estado e a Igreja não pudessem controlar. Lideranças locais, como Padre Sá e outros políticos se sentiam ameaçados pelo número de pessoas que buscavam no rezador alívio para os seus males.

Além do mais, as consultas realizadas por Zé de Moura feriam as leis que regulamentavam as atividades relacionadas a atendimentos médicos e a quase inexistente política pública de saúde do Brasil. As leis proibiam que práticas médicas fossem realizadas por pessoas sem qualificação acadêmica para tal. Entretanto, o controle e a fiscalização eram difíceis, principalmente no interior do Brasil. Nos

povoados onde não havia médicos as indicações de cura eram feitas principalmente por farmacêuticos, rezadores ou rezadeiras. Sobre a ausência de médicos e a dificuldade de tratar da saúde Della Cava (1976, p.139-140) destaca,

Um município afortunado poderia vangloriar-se de ter um farmacêutico autodidata, mas sua assistência aos pobres não era constituída a regra geral. Até os remédios caseiros lhe eram desconhecidos. [...] conselho médico, o que, frequentemente, se reduzia a simples sugestões de higiene; quando surtiam efeito, eram festejadas como “milagrosas”.

Quando não tinha farmacêutico, os rezadores e rezadeiras. Aos que tinham o conhecimento de ervas e plantas medicinais, preparações de chás, garrafadas, defumadores, mezinhas, cozimentos e lambedores eram tidos como médicos dos pobres. Zé de Moura dava conselhos de higiene, conhecia ervas medicinais e indicava chás, garradas, tudo feito usando métodos de preparação ritualizada que unia sabedoria do uso das ervas, ou fases da lua, uso de utensílios virgens na preparação tudo isso unido a conselhos e outros rituais encontrados em livros de santos, almanaques ou lunários. Nesse contexto o sincretismo religioso se manifestava, pois havia a junção da natureza, do catolicismo, das crenças pagas indígenas e africanas.

Havia a lei que proibia as práticas, mas ao mesmo tempo havia a tolerância pois muitos rezadores, rezadeiras, parteiras, farmacêuticos se utilizavam de seus conhecimentos para promover curas, porém a denuncia que o padre fez de Zé de Moura não foi ignorada pelas autoridades policiais. Esta em cumprimento da lei, autorizou a prisão do velho entre os meses de janeiro e fevereiro do ano de 1938,

pelo tenente Heliodoro (Zuca Liodoro) [...] seu talentoso advogado Dr. Pinto, requereu de acordo com a lei a soltura do velho ancião de 50 anos de idade; a partir desta data, passou o velho vários dias afastado de sua residências e de suas costumeiras orações, voltando somente as mesmas sem embaraço, a partir do ano de 1939 (CARTAXO, 1975. p. 203)

A autora relata sobre o afastamento de Zé de Moura das rezas por medidas de segurança pessoal. Ele aparece como vítima. Incompreendido. Nessa mesma perspectiva é descrito por Sá Júnior (2007, p.140) “Zé de Moura chegou a prisão porque foi incompreendido pelas autoridades eclesiásticas da época, que numa atitude de intolerância religiosa e implementação categórica da hegemonia cristocêntrica o privaram de realizar seus atos de fé.” O autor é familiar de Sá e sai na defesa do padre

atribuindo a Igreja como um todo a responsabilidade pela intolerância sofrida por Zé de Moura, sua prisão e perseguições.

Com o trabalho de Dr. Pinto, não só o rezador ficou livre, como a família Moura venceu a questão das terras, e coube a Zé de Moura uma parte significativa das terras ocupada por seus antepassados, com elas ele assegurou patrimônio e doações para a Diocese de Cajazeiras enquanto esteve vivo. A questão econômica desmistifica o santo.

O Pe. Sá jamais aceitaria o patrimônio de São Geraldo para a paróquia de Nossa Senhora do Rosário, a capela da povoação que já erguida era uma afronta à autoridade do chefe religioso e político do município, diante disso nunca tenha celebrado missa ou sacramento naquele templo. (ABREU, 2007. p. 07)

Como frisamos, o conflito de terras, a prisão de Zé de Moura e as pressões por ele sofridas estão presentes na maioria dos relatos históricos sobre o Poço, e encerra o que denominarei de o **primeiro ciclo de orações, conselhos, curas, bênçãos e preces do beato Zé de Moura**. Em 112 anos (1825 e 1937) o Poço foi da água às velas, da mata fechada ao povoado devoto de São Geraldo, da barraca de abrigo do vaqueiro à vila da Capela mais bela do sertão, do centro da rota de tropeiros que circulavam entre as veredas da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte ao centro de orações do beato-rezador que atraía gente de todo Brasil. Com a prisão esse ciclo é quebrado, pois com seu afastamento do povoado por medidas de segurança pessoal.

Apenas no ano de 1939 ele retoma a rotina normal de orações, atendimentos e aprofundamento nas relações de Zé de Moura com os romeiros que retornaram a sua procura. Diante do retorno é inaugurando o **segundo ciclo de orações, conselhos, curas, bênçãos e preces do beato Zé de Moura** e tem início a ampliação do fluxo de doações do patrimônio de São Geraldo à Igreja Católica. Ele se tornou um líder religioso nas margens do oficial.

A participação da família Moura na política partidária de Antenor Navarro se dá, principalmente, para garantir a integridade física de Zé de Moura. Temendo as perseguições do clero e de políticos ele e seu irmão Tirso Alves de Moura passam a integrar influências políticas no povoado.

POLÍTICA

O campo da política ganhou um grande impulso na década de 1950. Apesar das fontes históricas utilizadas neste capítulo apresentarem poucas informações neste sentido é possível vislumbrar, analisar e interpretar a dinâmica do processo político no

Poço, através do cruzamento de informações presentes nos textos e documentos históricos produzidos pelo Memorial Zé de Moura no ano de 2013 e do livro São João do Rio do Peixe: Datas e Notas de autoria de Rogério Cândido Ramalho Galvão (2011).

A historiografia local apresenta informações resumidas sobre esse assunto, basicamente aparece a lei de criação do Distrito do Poço e o vereador que apresentou o projeto na Câmara de Antenor Navarro. No museu por sua vez, é possível encontrar relatos sobre os políticos do Poço que tem seus nomes na denominação de logradouros públicos da cidade, homenagem prestada por gestores e vereadores municipais. Será com essas informações que trabalharemos para tratar desse assunto.

No Poço, Zé de Moura nunca se apresentou como político, era influente por seus trabalhos religiosos, o que já é um lugar político. Nunca se candidatou, não se envolvia diretamente nas disputas locais, mas apoiava políticos nas eleições estaduais. De acordo com relatos colhidos no Memorial Zé de Moura, museu da cidade, sempre deixou a política para seus conterrâneos, Francisco Cassiano Sobrinho, Raimundo Dantas de Oliveira, José Francisco de Oliveira, especialmente seu irmão Tirso Moura e seu sobrinho, filho de Tirso Moura, Manoel Alves Neto. Ou seja, a família estava envolvida na política.

De acordo com a “Biografia do Místico José de Moura”, de Matias: “Nunca foi político, mas sempre acompanhou o antigo P.S.D. Entre os políticos que conhecia, todavia tinha muita consideração a Dr. Rui Carneiro.” (MATIAS, 1988. p. 01). O que interpretamos como um líder político. Não por acaso deu nome à cidade.

Com relação ao seu irmão Tirso Moura, sempre foram rivais politicamente, como estratégia para que o Poço sempre tivesse um dos dois como representantes, ainda que não oficiais junto a política do município. Pois Tirso além de seu irmão era conhecido na região. Seguiam esse acordo, onde apoiavam partidos diferentes como uma medida de proteção contra a perseguição política que era empreendida pelo vencedor aos líderes políticos derrotados, principalmente ao rezador. Um garantia que o vencedor não perturbasse o outro, pois como irmãos se protegiam. As vezes se desentendiam, mas voltavam ao normal sem grandes brigas, eram teimosos. Não se atacavam politicamente, mas eles se provocavam nas comemorações da vitória de seus partidos. Tirso e sua família eram devotos de São Geraldo de Majella, frequentavam as

festividades e promovia todos os anos no mês de junho a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na própria residência de Tirso com a participação de Zé de Moura.

Desde 1930, no cenário da política o Sr. Tirso Alves de Moura atuava como colaborador dos políticos locais nas eleições do Município de Antenor Navarro ao qual o Poço pertencia. Não se lançava como candidato, mas era um líder político influente na região. Segundo filho de Manoel Amador, Tirso trabalhou como vaqueiro, tropeiro, agricultor, casou-se 3 vezes constituiu família formada por 19 filhos, nas terras ocupadas pela família desde o Século XIX, desenvolveu o cultivo de cana-de-açúcar e da agricultura de subsistência. Foi proprietário de um dos dois engenhos de rapadura do Poço. Sua relação com a terra, com as pessoas da localidade e com o trabalho, permitia a atuação na política do Município de São João do Rio do Peixe, a partir dos anos 30, até sua morte em 1966. Ele está inserido no imaginário popular como o colaborador de Zé de Moura no desenvolvimento socioeconômico do Poço. O líder político, estratégico que rege a localidade enquanto o líder religioso reza pedindo a Deus proteção. Ele representou o auxílio a Zé de Moura durante a prisão e um dos responsáveis por sua segurança e libertação.

Apenas nos anos de 1950 o Poço lança um candidato a vereador na política de Antenor Navarro. O primeiro representante do Poço ao poder legislativo de Antenor Navarro foi eleito, Francisco Cassiano Sobrinho, eleito com 288 pelo partido UDN recebeu apoio político de Tirso Moura no pleito daquele ano. (GALVÃO, 2011. p. 121) Era a primeira demonstração de força das alianças políticas no Poço. Sobre Francisco Cassiano temos publicado no Memorial Zé de Moura. Após esse período o Poço sempre manteve pelo menos um vereador em exercício naquela casa legislativa.

Em 1958 são eleitos dois vereadores pelo Poço: Raimundo Dantas de Oliveira com 477 pelo PSD, partido seguido por Zé de Moura, e o sobrinho do rezador aos 20 anos, Manoel Alves Neto, eleito com 208 votos pelo PSP, partido apoiado por seu pai, Tirso Moura. Nessa eleição os candidatos do Poço tiveram uma representatividade de 685 votos diretamente em candidatos daquela localidade. Houve grande repercussão o fato de o Poço ser representado naquela Casa por 2 vereadores de origens neste reduto eleitoral. (GALVÃO, 2011. p. 126)

No Poço as famílias locais eram (e ainda são) os instrumentos políticos mais valorizados, Moura, Cassiano, Dantas, Oliveira, despontavam como as mais

representadas lideranças com força de voz, voto e atuação em nome da Vila. E cuja pressão também era de alcance estadual.

Percebendo que tinha condições de lutar pela emancipação política começam as movimentações, os acordos políticos e as alianças na vila do Poço. Periodicamente passaram a ser realizadas reuniões entre os líderes políticos locais, proprietários de terras, comerciantes e patriarcas das famílias pocenses para se organizarem e definirem os nomes dos candidatos que podem representar o Poço nas eleições municipais de Antenor Navarro. Tais nomes eram escolhidos e precisavam do apoio dos chefes de partido de São João do Rio do Peixe, uma vez que davam uma resposta positiva aos nomes escolhidos pelas lideranças pocenses, estes concorreriam aos pleitos eleitorais. Esse apoio também era importante quando se tratava da propositura de leis naquela casa legislativa, e foi em 1959 que o Vereador Manoel Alves Neto, o “Peixe Moura”, apresentou e defendeu a demanda de criação do Distrito do Poço dentro do território de Antenor Navarro. Após negociações intensas a Lei Nº Municipal 171/1959 foi aprovada e sancionada no dia 22 de novembro de 1959 (MOURA, 1997, p. 02). Essa lei representava a esperança de emancipação política para a população e romeiros. O primeiro relato historiográfico sobre esse fato está presente no texto “O Município de Poço de José de Moura”, produzido e distribuído pela Prefeitura Municipal no ano de 1997 aos alunos do ensino fundamental das escolas estaduais e municipais do Poço e da conta do seguinte:

Com o passar dos anos o povoado foi elevado a categoria de Distrito através de um projeto de Lei de autoria de Manoel Alves Neto (Peixe Moura), filho daquela terra, que na época o representava sendo vereador em São João do Rio do Peixe. (PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA, 1997, p. 02)

Informação como esta não é inocente, ainda mais num material “didático”. A construção desse discurso que legitima a família Moura como responsável pelas demandas públicas e movimentações políticas em torno do desenvolvimento do Poço através do seu representante político “Peixe Moura” foi propagada por todos os textos que tratam da história do município. Essas publicações foram escritas em momentos específicos, os textos foram publicados com a finalidade de registrar na história que a lei apresentada pelo vereador pocense foi fundamental para a visibilidade política daquela região. Entretanto foi relegada, por exemplo, a participação efetiva do então

vereador Geraldo Wilson de Andrade nas negociações para a emancipação política das décadas de 1980 e 1990.

Durante os momentos de luta pela emancipação do município todos os textos apontam que a família Moura foi colocada como uma das principais agentes responsáveis pela definição dos marcos legitimadores do Poço como uma pretensa cidade que voltava seus olhos para Zé de Moura e o interpretaria como fundador tomando para si a função de escolher entre outras coisas o nome da cidade.

HAVERIA POÇO SEM JOSÉ DE MOURA?

Tomando como base o título do capítulo e diante de todos os elementos, aspectos e fatores expostos. Chegamos a conclusão que sim, haveria Poço sem José de Moura, pois ele já existia antes mesmo de Zé de Moura nascer. O que não existiria era o Poço de José de Moura. Sua atuação religiosa, política, cultural foram importantes para esse espaço e a cidade ganha seu nome como complemento para referenciar o rezador, o espaço de diferenciação entre este e o Poço Dantas, próximo 15 km do município.

Vemos a preocupação de Duarte em escrever sobre sua relação com Zé de Moura, essa é uma forma de demonstrar preocupação em salvaguardar aquelas memórias. De se sentir responsável por deixar para a posteridade relatos escritos para serem usados na educação daquela população, no ensino da história do Poço de “Zé de Moura”. Como passou a ser descrito por autores que trabalharam o tema antes da emancipação política.

Toda a história da cidade, toda as referências, os monumentos trazem reforçam o que ele significou para a população e isso marcou o imaginário popular de uma forma tão intensa que é elemento de disputa durante os embates políticos das campanhas eleitorais municipais. Zé de Moura como fundador, como marco identitário da cidade é lugar de legitimação das relações de poder das famílias e dos governantes. Não é a cidade que dá significado a ele, é ele quem dá significado a cidade.

CONCLUSÃO

Pensar a cidade de Poço de José de Moura, 22 anos após sua emancipação política é problematizar os caminhos percorridos por políticos locais, pela população simples, famílias influentes, líderes políticos e sociais e pela comunidade católica local. O município recebeu oficialmente este nome em 1994, como forma de homenagear um personagem histórico considerado o fundador da cidade, o rezador José Alves de Moura. Ela ainda conserva os hábitos do interior do Brasil que consistem em reunir a família e os vizinhos para passar parte da noite nas calçadas esperando o vento do Aracati e conversando sobre tudo, falando da vida alheia, sobre a política em geral, relembrando aventuras vividas, contando anedotas, causos e histórias vivenciadas que permanecem na memória de cada narrador. No Poço de José de Moura a calçada é espaço de convivência entre gerações, é lugar de retransmitir conhecimentos, saberes, heranças culturais e de relembrar as histórias da família e daqueles que vivem ou viveram na comunidade.

Ao analisar a relação de identidade entre a história de vida de José de Moura e a história da cidade percebemos elementos que foram usados para sua construção. Que a preservação e difusão de informações, as práticas artístico-culturais e monumentos em sua homenagem fazem parte dessa politização da memória, e tem por finalidade elaborar uma identificação entre a população, o rezador e a cidade. Pois,

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. (Hall, 2011, p. 22).

Atualmente são atribuídos a Zé de Moura os títulos de fundador da cidade, de empreendedor, rezador, místico; é considerado idealizador da devoção a São Geraldo de Majella, da sua escolha como padroeiro do lugar; de ter encomendado a estátua do santo em Juazeiro do Norte - CE e transportado e de organizado a procissão de chegada dessa imagem até o Poço no ano de 1928; de ser organizador das festividades religiosas

alusivas ao padroeiro no mês de outubro do mesmo ano e dos anos seguintes; tido como patrono e criador do grupo de Reisado e da Banda de música Filarmônica São Geraldo, entre outros adjetivos e realizações. Porém, até os anos 60 do século XX, ele era conhecido como rezador. Um velho rezador sertanejo de um povoado rural nos confins de Antenor Navarro.

Ao longo do texto analisamos porque a história de vida de Zé de Moura se confunde com a própria história da cidade. Entendemos que sua imagem de rezador foi construída transformando-o em fundador da localidade e concluimos que isso foi retransmitido ao longo de gerações através da história oral, da escrita da história do rezador, do ensino da história local e da legitimação através de leis que nomeiam a própria cidade, seus monumentos e praças.

O beato Zé de Moura faleceu em 15 de julho de 1966. No ano de 2016 o município relembra os 50 anos do falecimento do rezador. Por isso, a sociedade civil e poder público local se preparam para realizar durante todo ano celebrações, apresentações culturais, desfile cívico e projetos temáticos para homenagear os “50 anos sem José de Moura” onde será celebrada a missa solene em sufrágio de sua alma, os grupos culturais criados por ele: Reisado Zé de Moura e Filarmônica São Geraldo serão reunidos em sua memória; haverá exposições fotográficas sobre as mudanças urbanas e culturais que ocorreram no Poço durante esses 50 anos que se seguiram a sua morte, além de pesquisas e encenações da sua biografia nos diversos espaços culturais e educacionais da cidade.

Todos esses eventos, práticas culturais, formulação de leis e construções de monumentos se apropriaram da historiografia da cidade de Poço de José de Moura. É uma construção mítica de um homem religioso. Entre o paganismo e o sagrado. Como se não bastassem os relatos orais presentes na comunidade como parte das memórias coletivas da população, os discursos históricos produzidos após sua morte por historiadores e diletantes foram, e ainda são, fundamentais na construção e reforço a essa identidade. Os relatos memorialísticos escritos por Duarte (~1970) são documentos que foram conservados e não tiveram divulgação, mas como já foi dito se aproximam de clássicos da historiografia local e apresentam informações mais aprofundadas. Durante todo esse trabalho lidamos com Cartaxo (1975) e o texto o Místico José de Moura, onde além da história do distrito do Poço ela apresenta uma biografia do rezador, a qual

finaliza como sua opinião pessoal. Esse texto foi onde primeiro apareceu a figura de Zé de Moura vinculada a fundação, a autora escreve sobre a construção das igrejas do Poço e finaliza “ **graças ao esforço e abnegado trabalho do seu fundador José Alves de Moura, que muito contribuiu para o engrandecimento desta florescente vila.**” Cartaxo (1975, p. 204). Aqui a autora não se refere a ele como fundador do povoado ou vila, ela reconhece sua existência e demonstra isso falando que ele **contribuiu** para que a vila se fortalecesse. Porém, os políticos, os intelectuais, a família Moura se apropriam desse adjetivo, que nesse caso está se referindo a fundação da igreja, para transformar Zé de Moura no símbolo que representa a origem do Poço, o elemento de fusão da comunidade, o marco fundador desse espaço e os sentidos que ele tem para sua população. Sobre essa interpretação ficam os questionamentos: essa interpretação foi intencional, deliberada e construída propositadamente por parte desses agentes históricos? ou simplesmente foi um erro de interpretação que passou despercebido e foi sendo repetido e legitimado ao longo dos anos?

Exemplos dessa repetição e legitimação são as construções históricas em torno dele, pois pressionados pelas movimentações que ocorrem no final da década de 1980 em torno do processo de emancipação política de diversos distritos paraibanos se torna necessário apresentar a história do distrito que pretendia se tornar município, aparece como base para essa história, principalmente no momento de comemoração simbólica do aniversário em 1988, esse texto assinado por Cartaxo (1975).

A aceitação dessa história fomentou outras publicações como a “A Biografia do Místico José de Moura” assinada por Matias (1988), onde há um foco na trajetória de vida do rezador, em seus erros e acertos, na conversão, na perseguição sofrida, nas práticas culturais, etc, onde ela está sempre tentando afastar de Zé de Moura qualquer relação com o paganismo. Lançado nas comemorações de aniversário e reeditado na inauguração do museu, trabalha o que não foi dito por Cartaxo (1975) e deixa muitas outras questões que historiadores, diletantes, gestores públicos e culturais tentam responder através de textos, ações públicas, discursos políticos e projetos culturais.

Na historiografia existem uma infinidade de textos escritos sob vários contextos e foco tentando preencher essas lacunas e ao mesmo tempo trabalhar o não dito. Fazem isso reforçando as autoras. Dividimos esses textos em três categorias para melhor exemplificar seus conteúdos. Os textos escritos por “livre iniciativa”, ou seja, os autores

se interessaram em escrever sobre o Poço ou Zé de Moura sem obrigações acadêmicas ou encomendas políticas; os textos escritos por acadêmicos para revistas, livros ou conclusão de curso, no caso historiadores e um doutorando em Letras e por fim os textos produzidos por iniciativa dos prefeitos do Município de Poço de José de Moura ao longo desses 21 anos.

Os textos escritos por “livre iniciativa”, o artigo “Beato Zé de Moura: o Antônio Conselheiro Paraibano”, publicado no “Jornal Retrospectiva em 1988 como parte das comemorações de 100 anos de nascimento de José de Moura quando o Poço ainda era um Distrito e dava início a campanha pela emancipação política do Poço; a “História do Poço” escrita por Francisco Cazuzza da Silva Sobrinho em 2009 para auxiliar aos candidatos ao concurso público da Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura.

Os textos escritos por acadêmicos para revistas, livros ou conclusão de curso, no caso historiadores e um doutorando em Letras. “O surgimento do negro e sua importância no desenvolvimento sócio-econômico de Triunfo- PB”, José Valdenor Manguiera Lisboa, (UFPB,1994), que apresenta a história da comunidade negra de Triunfo, sua relação com a emancipação política da cidade e o intermédio, que segundo o autor, Zé de Moura realizou para que eles escolhessem a cidade como nova morada. “Poço de José de Moura: A vila e o desenvolvimento das décadas de 50 e 60” de autoria de Francisco Cazuzza da Silva Sobrinho, (UFCG, 2005), que faz uma análise sobre a economia da vila do Poço, “Capela de São Geraldo de Majella” de Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu, (Diocese em Notícias-2007) que trata das relações da Igreja com Zé de Moura e da construção da Capela e o artigo “Sobre a construção da memória de José de Moura: um estudo etnográfico”, do livro “Cultura Popular: nas teias da memória” (UFPB, 2007).

Os textos produzidos por iniciativa dos prefeitos do Município de Poço de José de Moura ao longo desses 21 anos. “O Município de Poço de José de Moura – Paraíba”, (1997), publicado pela Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura – três anos após a emancipação política e instalação constitucional do município na gestão de Juarez Alves Tavares (1997 – 2000); “Poço de José de Moura: Sua história e sua gente”, (2007), publicado na revista “Meu Sublime Torrão”, distribuída gratuitamente durante a primeira administração de Aurileide Egídio de Moura; “Conhecendo Poço de José de Moura”, (2009), publicado na revista “Caminhos do Sertão”, editada e lançada pela

Prefeitura da cidade em parceria com a Prefeitura Municipal de Triunfo – PB; e “O Poço de Gonçallo de Moura, o Poço de José de Moura” escrito por Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu em 2013 e reeditado em 2015 publicado na revista “Enfoque”, onde mais uma vez é trabalhada a repetição da história do Poço, de José de Moura e o acréscimo de informações que não aparecem em outras publicações. Há ainda textos publicados nos sites oficial da Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura dos anos de 2006, na gestão de Aurileide Egídio de Moura; 2010 na gestão de Manoel Alves Neto e 2014 novamente na gestão de Aurileide Egídio de Moura com as mesmas características.

Em toda a historiografia local fica evidente como Zé de Moura e a família Moura tem sua história registrada. A história do Poço de José de Moura é escrita a partir da perspectiva dessa família como detentora de terras, de empreendimentos, de iniciativas políticas importantes para a criação do município. Os Moura são apresentados como os salvadores, e de acordo com essa historiografia que não apresenta outras famílias, eles serão sempre os salvadores, primeiro do povoado, depois da cidade.

Embasados pela tradição oral e por esta história local aparecem as práticas artístico-culturais desenvolvidas com o objetivo de promover a memória e o “resgate das raízes culturais” do município. Por iniciativas da gestão municipal e das associações culturais da sociedade civil Zé de Moura é lembrado como responsável pelas origens das expressões culturais que existem na cidade. Sobre esse reforço Fich afirma (1998, p. 76) “É amplamente reconhecido que na sociedade moderna nossas imagens do passado são conservadas e transmitidas através do tempo não só por meio da experiência vernacular, mas também como construções culturais administradas e mediatizadas.”

como a banda cabaçal, o grupo de reisado, a Filarmônica São Geraldo. A banda cabaçal acompanhava as procissões realizadas por Zé de Moura (Cartaxo, 1975, p. 203), a Filarmônica com mais de 50 anos ainda anima as festas de São Geraldo de Majella (Cartaxo, 1975, p. 204) e outros eventos culturais dentro e fora do município. O Reisado Zé de Moura teve início antes mesmo das festividades do padroeiro continua ativo se apresentando em diversos lugares do Nordeste. Há ainda o Festival de Cultura Popular POCICULTURA iniciado em 2006 para homenagear os 40 anos da morte de Zé de Moura e solicitar a construção do Memorial Zé de Moura e a Semana Nacional de

Museus da qual a instituição participa desde 2012 propondo a interação entre a sociedade e o museu.

Entre os monumentos construídos para referendar a memória de Zé de Moura existem: o túmulo do rezador localizado na parte externa do lado oeste da igreja, ao lado da gruta de Nossa Senhora de Lourdes, a estátua²⁵ de Zé de Moura inaugurada em 1988, para custear as despesas foram feitas campanhas de doação e grupos de amigos saíram em busca de patrocínio para cumprirem o compromisso.



Figura 4: Inauguração da estátua de Zé de Moura instalada em 1988 ao lado a frente da igreja de São Geraldo de Majella. Arquivo: Memorial Zé de Moura

Entre as construções realizadas com recursos públicos que referendam a história local ocorreu. Foi construído um pórtico na principal entrada da cidade, na estrada que liga o Poço de José de Moura a rodovia PB 393 que dá acesso a São João do Rio do Peixe e foi inaugurado em 13 de outubro de 2006, (segundo a placa de inauguração). O pórtico trata-se de uma estrutura em concreto localizada na entrada cidade com elemento que referenciam a população e indicam o início do perímetro urbano, originalmente pintada na cor verde, tem formato retangular, apresenta seis flores

²⁵ José Francisco de Oliveira e José Braz Torres, amigo e sobrinho do rezador, assumiram a responsabilidade pela contratação da construção da estátua de José de Moura em 1988 para ser inaugurada no dia do centenário de Zé de Moura.

esculpidas na parte inferior das colunas do portal, sendo três flores em cada lado da rodovia, sobre o portal estão fixadas três imagens, 2 esculturas de caráter religioso e um painel fotográfico de caráter patrimonialista. As duas esculturas religiosas tratam-se das imagens dos santos que tem grandes festas religiosas celebradas pela comunidade católica local, são eles: São Geraldo Majella, padroeiro do município e Nossa Senhora da Conceição, cuja festa é celebrada no mês de maio todos os anos, desde que Zé de Moura começou a missão de rezar as novenas do mês mariano e que teve continuidade garantida por homens e mulheres que herdaram a função de organizar as celebrações religiosas da Igreja de São Geraldo após sua morte. O ícone patrimonialístico encontra-se na parte central do pórtico, visível para quem entra e sai da cidade, através de um painel fotográfico iluminado contendo uma sobreposição de imagens. Ao fundo uma fotografia em panorâmica da vista aérea da cidade e em primeiro plano, emoldurado por uma estrela a fotografia de José de Moura. Esta fotografia é uma reprodução da foto 3 x 4 dos documentos pessoais de José de Moura que encontra-se exposta no Memorial Zé de Moura.

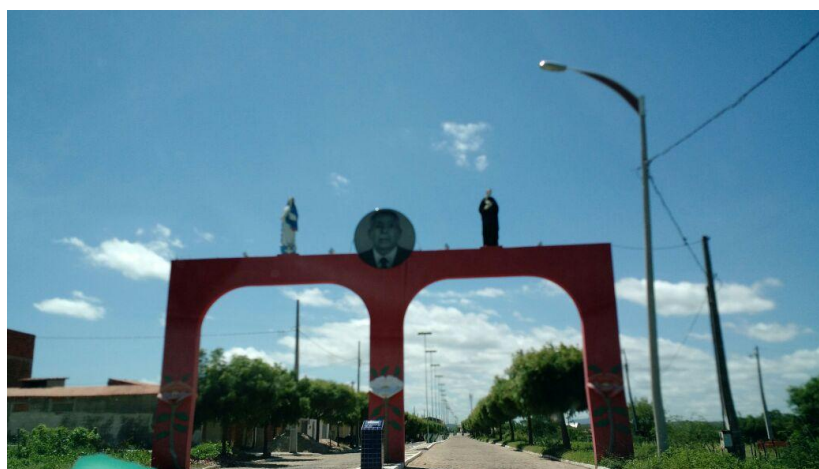


Figura 5: Portal da entrada de Poço de José de Moura em 2016. Arquivo Pessoal

O Memorial foi construído a partir da proposta apresentada no Pociultura de 2006. O museu criado e inaugurado três meses depois do festival recebeu a denominação de Memorial Zé de Moura, uma referência ao Memorial Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte – CE, cidade em que a prefeita Aurileide Egídio de Moura morou durante sua adolescência e que é referência da conservação da memória do seu líder religioso. O Museu foi inaugurado no dia considerado como o dia da cidade daquele ano, em 13 de outubro de 2006, dentro da programação da festa do padroeiro. A festa da

cidade deste ano teve início com o desfile cívico organizado pelas escolas contando a história da cidade e de José de Moura ocorreu a inauguração do Memorial José de Moura, do portal da entrada da cidade (destino saída do Poço de José de Moura para São João do Rio do Peixe) e o show na praça de eventos “O Juarezão” para encerrar a noite. O museus Zé de Moura foi dividido em 6 ambientes, onde foi instalado o Auditório Francisca Ribeiro (homenagem a secretária de José de Moura) para eventos, conferências, palestras, reuniões, etc.; a sala do acervo onde estão os objetos do museu, galeria de entrada onde fica a recepção; cantina e os banheiros masculinos e femininos. A primeira exposição permanente do museu foi montada com os objetos que pertenceram a José de Moura conservados e doados por sua cunhada Eulina Alves; artefatos litúrgicos e religiosos pertencentes a Igreja de São Geraldo de Majella nas décadas de 1950 e 1960 e móveis e objetos da casa de José de Moura que mobilhavam a paróquia até o final do século XX. Como lembranças da cidade e do Memorial Zé de Moura também havia a comercialização de camisetas promovendo a difusão da memória de José de Moura, nelas estava impressa a foto do rezador e a frase “Nas asas do tempo a história permanece”. Porém uma das mais importantes e controversas colaborações do Memorial Zé de Moura para a memória coletiva em relação a história da cidade foi a reedição, publicação e distribuição da “Biografia do Místico José de Moura” que foi originalmente publicada em 1988 de autoria da professora de educação infantil Francisca Fonseca Matias.



Figura 6: Memorial Zé de Moura. 2013. Arquivo Pessoal

Dessa maneira o rezador está presente no imaginário popular do município e a partir dos anos 2000 houve um aumento substancial da sua representação através de monumentos edificados pela gestão municipal de sua familiar direta.

Todos esses símbolos e monumentos reforçam a relação que a cidade tem com seu personagem histórico. E reforçam cotidianamente a imagem construída para ele, fortalecendo outros aspectos que vão além da áurea mística, em torno do personagem histórico sem se distanciarem totalmente dela. As festas do padroeiro, o ensino da história local nas escolas localizadas no município, o festival de cultura popular, as comemorações das festas da cidade se tornaram a imagem de uma referência direta aos significados que esse homem, suas práticas religiosas, políticas e culturais ganharam importância para a identidade de quem convive nesse espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- ABREU, W. E. (2007). Capela de Sçao Geraldo Majella: Poço de José de Moura. **Diocese em Notícia**, 06-07.
- ABREU, W. E. (2015). O Poço de Gonçallo, o Poço de José de Moura. **Enfoque**, 05-07.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre cultura no Brasil. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (org). **Teorias & políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: ADULFBA, 2007.
- _____. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- ANDRADE, Erika Vanessa Lisboa. **“Os Quarenta”:** tradição e identidade de uma comunidade negra na cidade de triunfo-pb da década de 1950 aos dias atuais. 2013. 57f. Monografia (Licenciatura Plena em História). Universidade Federal de Campina Grande. UACS. CFP, Cajazeiras, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural. Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural. **Plano setorial para as culturas populares**. Brasília, Ministério da Cultura/Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural/Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, 2012
- CARTAXO, R. (1975). **Estrada das Boiadas, roteiro para São João do Rio do Peixe**. João Pessoa: Noprival.
- CATENACCI, Vivian. Cultura Popular: entre a tradição e a transformação. **Rev. São Paulo Perspec [online]**, . vol.15 no.2 São Paulo Apr./June 2001. p 28-35. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005. Acesso em fev. 2016.
- Desconhecido, A. (Setembro de 1988). O Beato Zé de Moura: O 'Antônio Conselheiro' paraibano. **Jornal Retrospectiva**, pp. 08-09.
- GALVÃO, R. C. (2011). **São João do Rio do Peixe: Datas e Notas**. São João do Rio do Peixe: Halley S.A.
- GINZBURG, Carlo. Introdução. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

IBGE. (2010). **Painel Histórico**. Acesso em 20 de 06 de 2010, disponível em Site do IBGE:<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251207&search=||info%EF3ricos:-hist%F3rico>

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990

LISBOA, J. V. (1991). Monografia de Conclusão de Curso. **O Surgimento do Negro e sua importância para o desenvolvimento socioeconômico de Triunfo - PB**. Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

MATIAS, F. F. (13 de Outubro de 1988 - 2006). **Biografia do Místico José de Moura. Panfleto**. Poço de José de Moura, Paraíba, Brasil: Vitoriano.

MOURA, A. d. (2009). Conhecendo Poço de José de Moura. **Caminhos do Sertão**, 07-10.

MOURA, P. M. (10 de setembro de 1997). Histórico do Município. **O MUNICÍPIO DE POÇO DE JOSÉ DE MOURA**. Poço de José de Moura, Paraíba, Brasil: Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura.

MOURA, P. M. (2007). POÇO DE JOSÉ DE MOURA: SUA HISTÓRIA E SUA GENTE. **MEU SUBLIME TORRÃO**, 03-05.

MOURA, P. M. (01 de 03 de 2009). **História**. Acesso em 25 de 08 de 2010, disponível em Site da Administração Municipal de Poço de José de Moura: <http://pocodejosedemoura.com.br/historia.html>

MOURA, P. M. (01 de Fevereiro de 2011). Resumo. **Breve Histórico de Poço de José de Moura**. Poço de José de Moura, Paraíba, Brasil: Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura.

MOURA, P. M. (02 de Abril de 2014). **Histórico**. Acesso em 14 de Novembro de 2014, disponível em Site do Governo do Município de Poço de José de Moura: <http://www.pocodejosedemoura.pb.gov.br/?pag=pagina&id=3>

PEIXE, P. M. (2006). **História**. Acesso em 20 de 06 de 2013, disponível em PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO RIO DO PEIXE: <http://www.saojoaodoriodepeixe.pb.gov.br/historia/>

QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

SÁ JÚNIOR, L. A. (2007). Sobre a construção da memória de José de Moura: Um estudo etnográfico . In: OLIVEIRA, Ingrid Farias Fchine; SEVERO, Ione dos Santos (orgs.). **Cultura Popular nas teias da Memória**. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 127-141.

SANTOS, Francimario Vito dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN**, 2007 (DISSERTAÇÃO)

SILVA SOBRINHO, F. C. (01 de Agosto de 2005). Monografia de Conclusão de Curso. **Poço de José de Moura: A Vila e o Desenvolvimento das décadas de 50 e 60**. Cajazeiras, Paraíba, Brasil.

THOMSON, Alistar; HAMILTON, Michael Frich . Memória e tradição. In: AMADO, Janaina; Ferrei, MARIETA de Moraes (orgs). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 65-92

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues, **Entre ramos de poder: rezadeiras e práticas mágicas na zona rural de Areia – PB**. Campina Grande UFCG, 2010.

WANDERLEY. Alba Cleide Calado. Cultura, memória e história como substratos na construção identitária. In: OLIVEIRA, Ingrid Farias Fachine; SEVERO, Ione dos Santos (orgs.). **Cultura Popular nas teias da Memória**. – João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007. p. 09-26.